

Trabalho Final de Graduação

Agência Eusébio do Banco do Brasil

Uma proposta de arquitetura sustentável

Paulo Henrique Pinheiro Caminha
2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho Final de Graduação

Concludente:
Paulo Henrique Pinheiro Caminha

Agência Eusébio do Banco do Brasil

Uma proposta de arquitetura sustentável

Orientador:
Prof. Marcondes Araújo Lima

Fortaleza, Dezembro 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho Final de Graduação

Concludente:

Paulo Henrique Pinheiro Caminha

Tema:

Agência Eusébio do Banco do Brasil
Uma proposta de arquitetura sustentável

BANCA EXAMINADORA

Professor Orientador:

Marcondes Araújo Lima

Professor UFC:

Ricardo Figueiredo Bezerra

Arquiteto Convidado:

Marcos Antônio Thé Mota

AGRADECIMENTOS

Deus fonte de sabedoria que ilumina meus passos e me dá forças para seguir o caminho da retidão e da luz.

Chegando ao fim dessa etapa de vida fica claro que sem a ajuda da família e dos amigos tal cruzada seria impossível. Às minhas mães meu muito obrigado. A Renata serei eternamente grato por me ajudar a encontrar meu caminho. A tia Lourdes agradeço toda a torcida e carinho.

Vou me sentir eternamente agradecido a Escola de Arquitetura da UFC, a qual vi ressurgir das cinzas, quer dizer, dos escombros. Aos professores, servidores e técnicos que transformam nossa Faculdade em uma grande família. Em especial ao meu orientador, Professor Marcondes, que abraçou o tema e esteve presente em todas as horas.

Aos amigos da faculdade em especial aos queridos amigos da turma 2005.2, vocês fizeram essa jornada muito mais agradável.

Aos colegas do BB em especial aos da Agência Barão do Rio Branco, que me acolheram tão bem e me ajudaram a conciliar trabalho e faculdade. Aos grandes companheiros do CSO, obrigado por acreditaram no meu potencial.

Muito obrigado.

RESUMO

Tendo como base a discussão das crises sociais e ambientais de nossa sociedade atual, procura-se mostrar como grandes corporações financeiras estão ligadas embrionariamente às causas de tais problemas. Surge, contudo, a cultura da sustentabilidade como sendo o caminho para a solução destas questões, uma vez que a sociedade passa a despertar e reconhecer que a vida humana está ligada diretamente a Terra, sua fonte de sustento. Os bancos devem colaborar para a disseminação desta cultura e sua nova missão deve ser reconhecida e refletida na arquitetura de seus edifícios. Este trabalho apresenta uma proposta apoiada em princípios mais sustentáveis para a agência do Banco do Brasil na cidade de Eusébio/CE, idealizada dentro do conceito de arquitetura ecológica. Além de mostrar um caminho mais solidário nas relações negociais, este projeto procura apresentar também algumas técnicas para minimizar o impacto ambiental de sua construção.

Palavras-chave: Arquitetura bancária, sustentabilidade, arquitetura ecológica.

ABSTRACT

Based on the discussion of social and environmental crises of our society, it is intended to show how large financial corporations are essentially related to the causes of such problems. However, the culture of sustainability emerges as the way to solve these issues, since society is to wake up and recognize that human life is directly related to the Earth, their source of livelihood. Banks should collaborate to disseminate this culture with a new mission recognized and reflected in the architecture of its buildings. This paper presents a proposal supported by sustainable principles, formulated for the Banco do Brazil in the city of Eusébio/CE, conceived within the concept of ecological architecture. In addition to showing a more solidarity business relationships, this project also aimed to present some techniques to minimize the environmental impact of its construction.

Keywords: Bank architecture, sustainability, ecological architecture.

LISTA DE ABREVIATURAS

BASA	- Banco da Amazônia S.A.
BB	- Banco do Brasil S.A.
BID	- Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNB	- Banco do Nordeste do Brasil
BNDES	- Banco Nacional de Desenvolvimento
DRS	- Desenvolvimento Regional Sustentável
ES	- Economia Solidária
FEBRABAN	- Federação Brasileira de Bancos
FMI	- Fundo Monetário Internacional
LIC	- Livro de Instruções Codificadas
MPO	- Microcrédito Produtivo Orientado
OSCIP	- Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PIB	- Produto Interno Bruto
PDDU	- Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
WEB	- World Wide Web

SUMÁRIO

Capítulo 1 – Introdução

1.1 – O tema	8
1.2 – Justificativa e escolha do tema	9
1.3 – Objetivos	10
1.4 – Metodologia	12
1.5 – Estrutura do trabalho	13

Capítulo 2 – Tipologia Bancária

2.1 – A função dos bancos	14
2.2 – Bancos na atualidade	18
2.3 – A arquitetura dos bancos brasileiros	19
2.4 – Sistema de produção Capitalista	22
2.5 – Ecoeconomia – uma nova visão econômica	28
2.6 – Economia solidária (ES)	32
2.7 – Bancos na contemporaneidade	34

Capítulo 3 – Sustentabilidade um novo paradigma

3.1 – Contextualização	38
3.2 – Os bancos frente ao novo panorama	44
3.3 – Arquitetura sustentável	48
3.4 – Caminhos da arquitetura sustentável	51

Capítulo 4 – O sítio e o Projeto

4.1 – O local	57
4.2 – Terreno	58
4.3 – Conceito	59
4.4 – Programa	61
4.5 – Memorial Descritivo	62
4.6 – Considerações finais e conclusão	66

Bibliografia	68
--------------	----

Capítulo 1 – Introdução

1.1 – O tema

Investigar a natureza dos problemas de nossa sociedade atual e abrir perspectivas de solução face à atuação da indústria bancária é o assunto abordado neste trabalho final de graduação.

Jornais e revistas relatam diariamente as mais diversas reações da natureza diante das ações do homem. O uso indiscriminado de agrotóxicos, queimadas, poluição na terra, água e ar são arbitrariamente mais constantes. As ações do homem vêm causando impactos cada vez maiores em nosso planeta. O mundo globalizado e a revolução tecnológica não trouxeram as soluções para a escassez de recursos e a desigualdade social. Aliás, pode-se dizer que esses problemas se agravaram após a globalização. Muito do que se faz de errado no ocidente passou a ser copiado pelo oriente e vice versa.

Percebe-se que o mundo atual é um grande emaranhado de redes sobrepostas que se conectam. São redes de comunicação, de transporte, de recursos financeiros, de matéria-prima, de produtos manufaturados, etc. Contudo estas redes não estão conectadas harmonicamente com a base que os sustenta, a Terra.

Foi pensando na responsabilidade que as grandes corporações financeiras têm na manutenção dessas redes e em uma atuação sustentável dos bancos que se desenvolve o tema do presente trabalho. Procura-se apresentar uma proposta de edificação sustentável de caráter comercial para abrigar a Agência Eusébio do Banco do Brasil.

1.2 – Justificativa e escolha do tema

Os caminhos que nossa arquitetura está seguindo vêm incomodando uma boa parcela de profissionais a qual me incluo. Acredito que somos muito mais que desenhistas de luxo, trabalhando para atender as satisfações de forças de mercado. Somos muito mais que solucionadores de problemas. Temos sim a capacidade de usar nossa criatividade para criar grandes soluções para os problemas apresentados e ainda expressar nossa sensibilidade de artista.

A contemporaneidade tornou-se um momento decisivo no comportamento de todos os profissionais envolvidos com a concepção de edifícios e cidades. As conseqüências das mudanças climáticas que se avizinham nos colocam em xeque. Tornam-se cada vez mais naturais aos nossos ouvidos problemas como: as enchentes, o trânsito, a poluição da água, terra e ar, etc. Os arquitetos em especial devem assumir a responsabilidade frente às mudanças climáticas. A arquiteta Sue Roaf¹ aponta que temos pouco tempo para virar o jogo (ROAF, 2005, p. 20).

Mas não devemos apenas agir rapidamente, temos que agir juntos. As ações somente serão efetivas se todos trabalharem juntos, pois cada um de nós está "envolvido" no destino da humanidade através do ar comum que respiramos e da atmosfera que ocupamos.

As escolhas que fazemos em nossas vidas são fruto da vivência e aprendizado acumulado. No curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) é possível conviver com diversas correntes da arquitetura em nossa cidade. A cadeira de Projeto Arquitetônico IV, ministrada pelo professor Marcondes Araújo Lima, instiga o aluno a conhecer um caminho mais holístico na arquitetura. O interesse e a pesquisa por assuntos relacionados a design e sustentabilidade me apontaram para o tema na área de edificações sustentáveis.

*Caracterizado pelo banco que oferta produtos financeiros (depósitos, aplicações, seguros, consórcios dentre outros).

¹ Arquiteta e pesquisadora da Oxford Brookes University, atuando em temas diversos relacionados à sustentabilidade. Autora dos livros Ecohouse: A casa ambientalmente sustentável e A adaptação de edificações e cidades às mudanças climáticas.

No ano de 2007, ainda no quinto semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo, comecei a trabalhar no Banco do Brasil. Dentro dessa instituição conheci um grande banco comercial,* sobretudo vislumbrei a grande corporação que está a serviço do desenvolvimento de nossa nação há mais de 200 anos.

Acredito que o aluno de escola pública deve exigir qualidade de ensino. Sobretudo, deve também colaborar para a excelência da formação. A escolha do tema está relacionada ao meu espírito de retribuir a sociedade e agradecer a generosidade dessas duas instituições públicas: UFC e Banco do Brasil.

O estudo sobre sustentabilidade nos leva a refletir sobre nós mesmos. Começamos a perceber o que há de errado ao nosso redor e nos provoca a querer mudar inicialmente nossos hábitos. Podemos alterar nosso comportamento para obter resultados em diferentes escalas. Seja em nossa casa ou mesmo em nosso planeta. Na cidade de Eusébio², local de minha residência atual, é fácil constatar que em áreas menos adensadas pode-se ter mais qualidade de vida. O contato com as plantas, os animais, o ar mais limpo, são coisas que as áreas adensadas já não proporcionam.

A escolha do lugar para implantação do projeto está diretamente ligada à necessidade de criar melhores condições para a manutenção da qualidade de vida nesta cidade. Permitindo que gerações futuras possam desfrutar também das mesmas condições. A edificação passaria a ser um marco dentro no núcleo central da cidade, colaborando para a formação de uma cultura de sustentabilidade.

1.3 – Objetivos

Diante de uma determinada ação humana é possível perceber e mensurar o impacto ambiental desta ação. Fazendo um paralelo com a física newtoniana, para toda

² Cidade pertencente à região metropolitana de Fortaleza, distante cerca de 30 km, e reconhecida por ser uma região de sítios e chácaras usadas para veraneio.

ação corresponde uma reação. Mas perante a nova física, a quântica³, a resposta para uma determinada ação pode não ser tão simplista como se imaginava outrora. As leis de Newton continuam valendo, contudo aplicam-se para um determinado espectro, ou escala. A nova física nos mostra as possibilidades de análise para uma dada ação dentro de um grande sistema de reações.

As edificações podem ser analisadas quanto ao seu impacto ambiental de forma direta, cartesiana. Dimensionando sua área impermeável, seu consumo de matéria-prima, sua eficiência energética, sua produção de resíduos, enfim sob métodos ou normas mensuráveis. Mas diante de uma perspectiva mais holística poder-se-ia analisar o impacto em forma de energia aplicada e sua reação em cadeia.

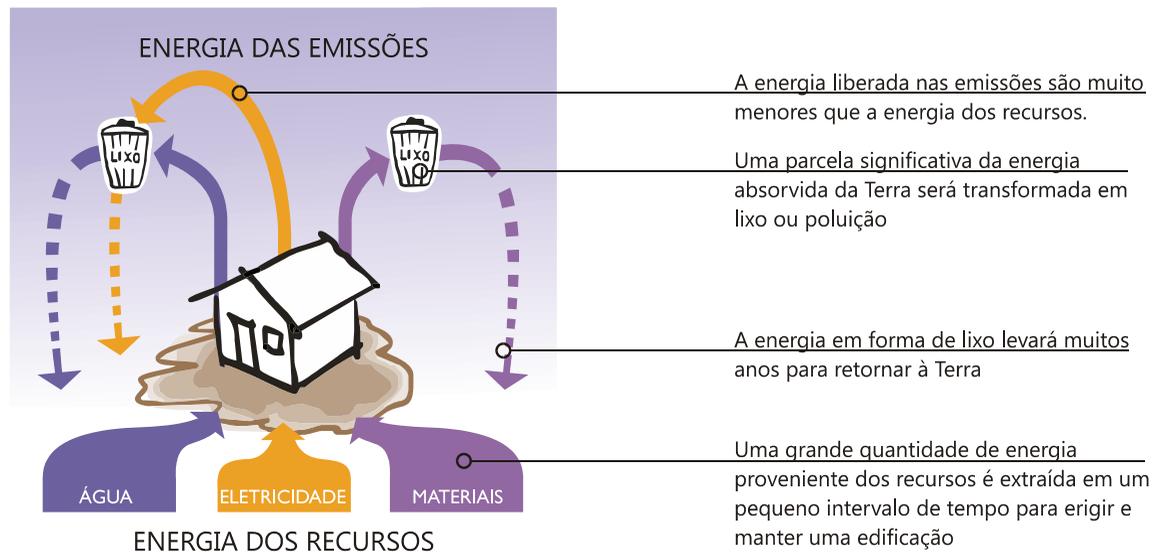


FIGURA 1: Relação entre energia dos recursos e energia das emissões

Há de ser considerada a energia dos recursos incorporados ao edifício, bem como a energia das fontes não renováveis consumida em todo o processo de extração,

³ A mecânica quântica é a teoria física que obtém sucesso no estudo dos sistemas físicos cujas dimensões são próximas ou abaixo da escala atômica, tais como moléculas, átomos, elétrons, prótons e de outras partículas subatômicas, muito embora também possa descrever fenômenos macroscópicos em diversos casos.

Fonte: WIKIPÉDIA - http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%ADsica_qu%C3%A2ntica, acessado em 20/01/2011.

processamento, armazenamento, montagem e transporte para o local da obra. Há de ser considerada a energia durante o uso da edificação, como a energia necessária à manutenção das condições de conforto interior, futura reciclagem, reutilização ou reintegração ecológica.

Por exemplo, quando construímos um edifício de múltiplos andares na Av. Beira Mar, com apartamentos de 500m² para famílias de no máximo 5 pessoas estamos causando mais que impacto ambiental e social. Toda a energia aplicada para erigir e manter esse equipamento ficará acumulada por muito tempo e dificilmente retornará a alimentar um novo ciclo energético que retorne à Terra.

A formação de arquiteto/urbanista nos dá a condição de perceber mais rapidamente as mudanças na sociedade, na arte e na ciência. Este trabalho visa compreender o que é arquitetura sustentável e investigar como são empregados nossos recursos para se fazer arquitetura. Pretende-se demonstrar que os bancos podem contribuir decisivamente para uma cultura de sustentabilidade, bem como mostrar que é possível uma forma mais harmônica de relacionamento entre as edificações, as pessoas e a Terra. Pretende-se apresentar diretrizes e técnicas construtivas que aplicadas às edificações comerciais tragam benefícios aos usuários e promovam o equilíbrio ecológico.

1.4 – Metodologia

Neste último ano tenho voltado minha atenção para tudo que se apresenta como sustentável. Pesquisei em várias fontes, livros, revistas e WEB. Minha proposta era ler e criar um acervo de informações sobre o tema. Parte dessa pesquisa é o ponto de partida do trabalho. Minhas apreensões em meu ambiente de trabalho colaboraram para fazer um esboço do momento atual das grandes corporações bancárias e sua

inserção no sistema financeiro. Que apresento paralelamente a um breve panorama da sociedade contemporânea.

Após a apresentação desse esboço, procuro fazer uma breve análise da sociedade e das corporações financeiras. Tentando mostrar como a mudança de comportamento das pessoas é seguida pelas corporações. E como estes grupos empresariais têm o poder de influenciar o meio e a sociedade.

Por último apresento uma proposta em forma de projeto tendo como base a análise feita anteriormente. Nessa proposta são apresentadas as justificativas para determinadas diretrizes e posturas de projeto.

1.5 – Estrutura do trabalho

Para facilitar o bom entendimento deste documento faz-se uso de notas de página que ora complementam a informação no corpo do texto e ora indicam links para aprofundamento do assunto tratado, ou simplesmente indicam as fontes. Procurou-se ter o cuidado de apresentar notas na lateral da página para esclarecer os termos bancários, ou somente para fazer referencia as figuras e gráficos apresentados.

No próximo capítulo é apresentada uma caracterização da tipologia bancária. Apresento de forma sucinta a origem dos bancos e sua estrutura atual. Mostra-se que os bancos fazem parte de um sistema maior de produção insustentável, o capitalismo. Posteriormente mostra-se como os bancos se organizam na atualidade para adequar-se às novas solicitações de mercado.

O terceiro capítulo trás o debate e o conceito de sustentabilidade. Apresenta as mudanças na sociedade que apontam para um pacto com a natureza. Além de apresentar os caminhos que a arquitetura passou a seguir perante a ecologia. A proposta propriamente dita está no último capítulo, onde o sítio e o edifício são descritos.

Capítulo 2 – Tipologia Bancária

2.1 – A função dos bancos

Resumidamente os bancos são estabelecimentos onde se guarda e movimenta dinheiro. São prestadores de serviço. Contudo o banco só tem retorno financeiro quando existe fluxo dos recursos administrados. O banco age como captador de dinheiro na economia e empresta a quem está precisando. Esclarecendo, é na diferença dos recursos captados e dos que são emprestados que os bancos obtêm seu lucro. Além, é claro, da sua prestação de serviços. Torna-se claro que o banco será proporcional a economia onde atua, quanto maior a economia, maior o banco.

A origem

Desde a antiguidade já se faziam trocas de recursos. Na Babilônia as pessoas guardavam seus bens no templo por acreditarem que estariam seguros. Os sacerdotes não cobravam nada, mas caso alguém precisasse de sementes, por exemplo, poderiam pegar no templo e depois da colheita repor com algum acréscimo. Tudo ficava registrado em blocos de argila.

As trocas de mercadorias foram se intensificando e evoluindo até a origem da moeda como conhecemos hoje. Sementes, animais, sal e especiarias foram consideradas moedas-mercadoria. O descobrimento do metal permitiu uma maior regularização e controle. Tornou-se rapidamente o melhor padrão de valor. Podia ser transportado facilmente e acumular sem correr o risco de perecer.

Na idade média criou-se o hábito de guardar o ouro com os ourives, e estes emitiam recibos com o valor correspondente a quantia retida. Com o tempo, os próprios recibos eram usados para se trocar mercadorias. Nascia então o papel moeda e a função

primordial dos bancos, intermediar as trocas. Os ourives em suas bancas⁴ são considerados os primeiros banqueiros. Eram pessoas de confiança encarregadas de emprestar, trocar e guardar as riquezas de seus clientes em troca de pagamentos por seus serviços.

A confiança sempre foi uma das qualidades mais desejáveis em um banco. As pessoas depositam suas economias, suas riquezas e esperam não ter surpresas desagradáveis. A atividade bancária necessitava ser estável e organizada. Essa sobriedade garantia aos bancos serem empresas de maior longevidade. O Banco alemão Berenberg Bank, por exemplo, foi fundado em 1590, e o inglês C. Hoare & Co, foi fundado em 1672, e estão em atividade até hoje.

A instituição

O desenvolvimento do comércio e da economia passou a ter uma ligação direta com a atuação dos bancos. Os bancos fomentavam a economia e os governos perceberam que deveriam criar regulamentos para o controle das atividades bancárias. Os bancos passaram a fazer parte de um sistema monetário estabelecido por bancos centrais (estatais) e por estes balizados.

A atividade bancária tornou-se uma das mais controladas. São normas que vão desde a autorização para abertura de estabelecimentos até normas de segurança. Os bancos tornaram-se sinônimos de estabilidade, seriedade e segurança. Qualidades que são defendidas até os dias de hoje. A arquitetura de seus prédios procura transmitir esses valores, assim como os profissionais que neles trabalham.

⁴ Banco: vem do alemão bank, que significa "banco de madeira", usado por aqueles que se dedicavam ao ofício de trocar e emprestar dinheiro.

Missão e funções

Resumidamente a missão geral dos bancos pode ser definida em proporcionar o melhor serviço financeiro a seus clientes. Contudo há vários tipos de bancos e sua missão pode ser mais abrangente, como é o caso dos bancos de desenvolvimento, onde há um compromisso em promover o desenvolvimento de uma dada região. Como é o caso do Banco do Nordeste – BNB e o Banco da Amazônia – BASA, que são bancos públicos. Espera-se dos bancos públicos uma relação de maior cumplicidade com o interesse público. Onde a eficiência dos serviços venha acompanhada de ganhos justos.

Os serviços bancários evoluíram ao longo do tempo, e se no seu primórdio, os bancos eram responsáveis pela guarda e troca de valores entre seus clientes, agora os bancos oferecem uma gama de serviços que os tornaram verdadeiras fábricas de produtos financeiros. Hoje pode-se guardar dinheiro, transferir ou mesmo cambiar em diferentes moedas.

Contudo os bancos são responsáveis pela grande mudança no trato com o dinheiro, a partir da criação do cartão de crédito/ débito. Com ele as pessoas passaram a desfrutar de maior segurança e comodidade, mas também perderam um pouco o sentido de valor das coisas. Os bancos também atuam em áreas como previdência privada e securitização. Abaixo o quadro apresenta melhor alguns dos serviços de um banco na atualidade.

	DESCRIÇÃO	CLIENTES	SERVIÇOS	EXEMPLO
CAPTAÇÃO	O banco capta o dinheiro de clientes que desejam guardar dinheiro.	INVESTIDOR - procura o banco para aplicar seu dinheiro buscando resultados de curto, médio ou longo prazo. POUPADOR - procura a segurança de um banco para guardar suas economias com expectativa de resultado já esperado.	Aplicação em títulos ou em bolsa de valores. Aplicação em poupança	- CDB (cédula de crédito bancário) - Fundos de aplicação. - conta poupança
EMPRESTIMO	O banco empresta o dinheiro para clientes que necessitam.	TOMADOR - Em geral pessoa física que procura o banco para realizar empréstimos de curto, médio ou longo prazo. EMPRESÁRIOS - busca o banco para ser seu intermediador financeiro em seus projetos.	Crédito rotativo em conta corrente Crédito ao consumidor Crédito veículos Crédito de curto prazo Crédito de médio/ longo prazo	- Limite em conta corrente (Cheque-especial) - Linhas de empréstimo para aquisição de eletro-eletrônicos - Linhas de empréstimo para aquisição de carros. - Leasing - Capital de giro - Crédito para aquisição de máquinas e equipamentos
SECURITIZAÇÃO	O banco protege bens e patrimônio das pessoas e empresas	Pessoas físicas Pessoas jurídicas	Protege a vida ou patrimônio contra acidentes, eventos naturais, etc. Protege o patrimônio contra acidentes, incêndios, etc.	- Seguro de vida, seguro de veículos, seguro de residências - Seguro das instalações ou de máquinas, equipamentos, matéria-prima
PREVIDÊNCIA PRIVADA	O banco vai acumulando o dinheiro dos clientes e corrigindo para um resgate à longo prazo ou uma aposentadoria	Pessoas físicas Pessoas jurídicas	Garante uma renda complementar à aposentadoria oficial ou os recursos necessários para um projeto futuro. Garante uma renda adicional ou os recursos necessários para um projeto futuro.	- Previdência complementar - Recurso acumulado para educação dos filhos - Recursos para aquisição de máquinas ou instalações
CAPITALIZAÇÃO	São planos de correção de valores pagos onde o cliente concorre a premiações.	Pessoas físicas e jurídicas	Garante o sorteio de vários prêmios e a correção dos valores pagos ao final da vigência	- Título de capitalização
CONSÓRCIO	São planos de aquisição programada de bens.	Pessoas físicas e jurídicas	Garante a aquisição de produtos por sorteio ou lances em assembleias até o final do plano.	- consórcio de veículos, de imóveis, de eletrodomésticos, etc.

TABELA 1: Produtos bancários

Todos os serviços bancários são tarifados, ou seja, para cada saque, transferência ou pagamento o banco cobra determinado valor. Os serviços bancários são constantemente monitorados e regulados pelo governo através de organismos de controle como o banco central.

2.2 – Bancos na atualidade

A ampliação do portfólio de produtos bancários é algo recente. Os bancos perceberam que poderiam lucrar mais, oferecendo outros produtos a sua clientela já existente. Notadamente eles conseguiram diversificar a origem de suas receitas, sendo que boa parte do lucro é gerado na diferença entre taxas de captação/empréstimo, o chamado spread⁵ bancário.

De olho neste grande negócio, outras empresas começaram a atuar como intermediadores de serviços financeiros. Elas oferecem serviços de seguro, empréstimo e capitalização. Como exemplo, vê-se grandes lojas de varejo, lojas de departamento, magazines. Enfim, lojas que vendem à crédito, seja através de cartão de crédito próprio ou crédito direto (carnê). Apesar de oferecer serviços financeiros essas empresas não podem ser consideradas bancos. Seus objetivos se restringem a usar um momento da oferta de crédito para alavancar mais negócios e conseqüentemente mais lucros. Estratégia essa, cunhada pelos bancos.

Outra característica forte dos bancos na atualidade é o seu grande desenvolvimento em tecnologia de informação. O desenvolvimento da informática e dos meios de comunicação possibilitou aos bancos atenderem um número maior de pessoas com mais eficiência. Hoje é possível fazer uso dos serviços bancários em casa, no trabalho ou qualquer outro lugar com o uso da internet. Criou-se também o auto-

⁵ **Spread** refere-se à diferença entre o preço de compra (procura) e venda (oferta) da mesma ação, título ou transação monetária.

serviço através dos terminais de auto-atendimento. Ampliando os meios de relacionamento como a clientela.

O perfil de usuário mudou significativamente. No passado só tinha conta bancária os mais abastados. Hoje a maioria dos trabalhadores tem conta e já se sabe que muitos são multi-bancarizados, ou seja, relacionam-se com mais de um banco. Os usuários desejam a praticidade, a facilidade de acesso e o bom serviço. Esse é o entendimento dos bancos, popularizar-se sem depreciar-se, tornar-se acessível sem perder a segurança.

2.3 – A arquitetura dos bancos brasileiros

A arquitetura bancária passou por diversas fases, acompanhando os preceitos arquitetônicos de cada época, contudo sempre esteve mais ligada à segurança que propriamente a estilos. Segurança era a palavra chave de uma construção bancária. Até meados do século XX havia uma preocupação exagerada com a resistência física das paredes, sendo muito espessas para coibir o arrombamento. Nesta época também os edifícios bancários se equiparavam em importância como os prédios governamentais, jurídicos e religiosos. (PEDREIRA, 2010)



FIGURA 2: Balcão de atendimento ao público, Ag. Rio 1926. FONTE: , HÖFLIGER, Raul, 2005 p. 95



FIGURA 3: Área de trabalho, Ag. Rio 1926. FONTE: , HÖFLIGER, Raul, 2005 p. 94

A monumentalidade e a imponência da arquitetura da década de 1940, marcada por pé direito duplo e aberturas verticais, deu lugar a linhas retas e janelas horizontais nas décadas de 50 e 60. Mas é a partir da década de 70 o período de maior transformação e mudança na arquitetura bancária. O desenvolvimento da tecnologia de comunicações e informática trouxe grandes mudanças internas e externas às edificações bancárias. Com a simplificação de processos e aplicações de informática, os bancos diminuíram significativamente seu quadro de pessoal. As áreas e o programa de uma agência bancária sofreram grandes alterações. Agências que necessitavam de dois pavimentos passaram a utilizar somente um, deixando áreas ociosas, ou cederam espaços para outros fins.



FIGURA 4: Agência nos anos 60. Ag. Ana Rosa do Banco do Brasil em São Paulo. Área de trabalho e balcão de atendimento ao fundo. FONTE: HÖFLIGER, Raul, 2005 p. 102



FIGURA 5: Sala da Gerência nos anos 60. Ag. Ana Rosa do Banco do Brasil em São Paulo. Área exclusiva da gerência com atendimento através de secretária. FONTE: HÖFLIGER, Raul, 2005 p. 102



FIGURA 6: Agência Banespa Alto da Boa Vista de 1977 – São Paulo. Arquiteto Siegbert Zanettini. Planta livre possibilitando maior integração entre o balcão de atendimento e área de escrituração. FONTE: ZANETTINI, Siegbert, 2005 p. 152



FIGURA 7: Agência Banespa Alto da Boa Vista de 1977 – São Paulo. Arquiteto Siegbert Zanettini. Vedações em vidro com vistas para jardim, dutos de instalações na lateral. FONTE: ZANETTINI, Siegbert, 2005 p. 152

Setores de suporte que davam apoio às atividades das áreas de atendimento e caixa também tiveram suas áreas reduzidas diante de uma nova divisão e hierarquia do trabalho. A área de atendimento aos clientes deixou de ser realizada em balcão e passou a ser distribuída em birôs. Somente o serviço de caixa permaneceu neste espaço.

A partir da automação bancária do início dos anos 90 as agências sofreram mais uma grande mudança no seu programa. Os terminais de auto-atendimento representaram a inovação no atendimento e a nova arquitetura passou a apoiar as diretrizes de marketing. Diretrizes que sempre buscam o fortalecimento da imagem institucional frente à sociedade. Os bancos precisavam ser mais modernos e a transparência nas salas de auto-atendimento criava essa expectativa.

LEGENDA

- 1- Auto-atendimento
- 2- Quichê de caixas
- 3- Atendimento
- 4- Suporte

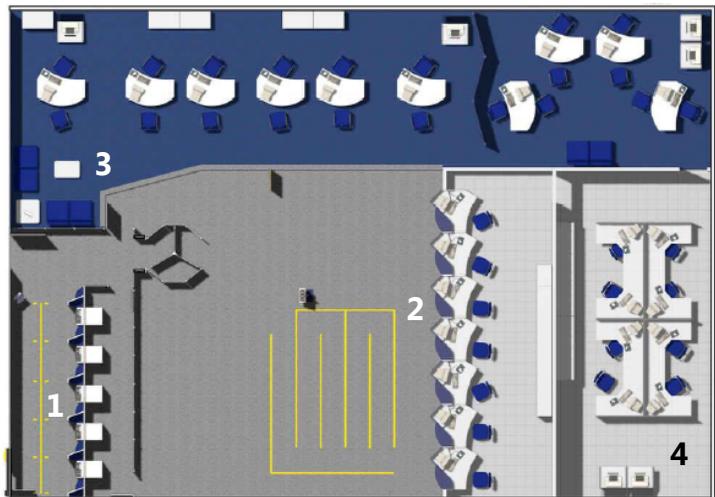


FIGURA 8: Planta baixa com mobiliário padrão 98 do BB. FONTE: HÖFLIGER, Raul, 2005 p. 128



FIGURA 9: Ambiência padrão 98 do BB. Área de atendimento ao público. FONTE: HÖFLIGER, Raul, 2005 p. 128

2.4 – Sistema de produção Capitalista

O modelo de produção econômica e acumulação de bens do século XX tornou-se insustentável. Desde a revolução industrial os produtores buscam por mais mercado consumidor. No passado usou-se o progresso como justificativa para a abertura de mercados. Como fora feito nas colônias inglesas. Mais recentemente, a liberdade e a democracia foram as justificativas usadas para criar o mundo globalizado, onde todos podem desfrutar de mais comodidade ao estilo norte-americano.

Os bancos continuamente apoiaram esse sistema e com uma atuação mais ampliada os bancos passaram a interagir com a base do sistema capitalista – o consumo. Trabalhando também junto à economia criaram uma relação de dependência entre si. Fortalecendo e colaborando para o crescimento do próprio capitalismo.

Um bom exemplo é a desmaterialização da moeda e o uso do crédito. Um consumidor que faz uso de cartão de crédito/ débito, facilmente perde a idéia de valor ao comprar. O fato de não ter com o que comparar, ou seja, uma cédula ou moeda dificulta a concepção de idéia de valor. Outro fator importante de idéia de valor é na hora da negociação onde são oferecidos descontos, algo que se compra com 10% de desconto à vista⁶ representa 10% de algo a menos na sua capacidade de compra.

No Brasil essa relação se agrava ainda mais, pois o mercado financeiro apóia-se no crédito e na capacidade de endividamento do consumidor. Onde tudo que cabe na parcela é passível de ser levado pra casa. Independente de ser bem de consumo durável ou não. Criando novas gerações de superendividados⁷.

⁶ Comerciantes costumam dar descontos em vendas à vista, pois as vendas feitas através de cartões de crédito representam despesas com manutenção de máquinas e taxas de administração.

⁷ Superendividados – pode ser definido como a impossibilidade global de o devedor pessoa física, consumidor leigo e de boa-fé, pagar todas as suas dívidas atuais e futuras de consumo (excluídas as dívidas com o Fisco e as provenientes de delitos e de alimentos) em um tempo razoável com sua capacidade atual de rendas e patrimônio. Fonte: FEBRABAN - RELATÓRIO ANUAL 2010, pág. 58.

Os bancos incentivam os clientes a consumirem e a usarem todo o seu crédito, que muitas vezes o fazem sem necessidade, e mesmo o banco tendo prejuízo mantém a mesma postura negocial e passa a inserir taxas de inadimplência em suas transações. Tal prática pode criar uma falsa expectativa em relação à economia, pois o aparente aquecimento tende a mascarar um mercado fragilizado. Em casos mais graves pode vir a formar as chamadas - bolhas financeiras, que pode ser descrita como a falta de liquidez das operações em curso.

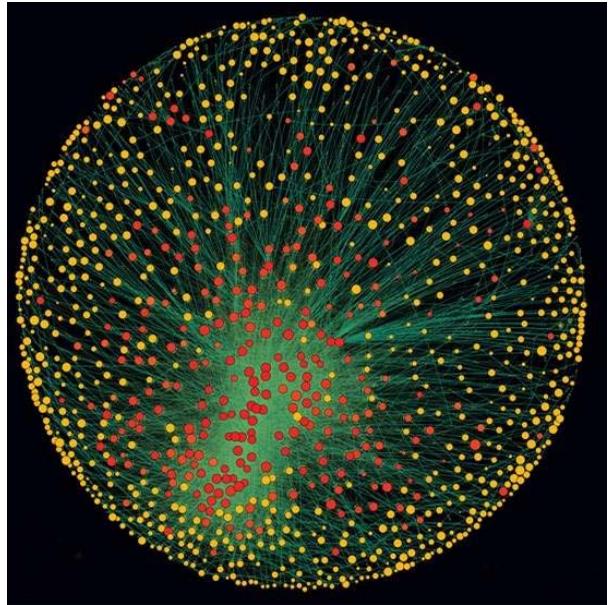
Recentemente tivemos um exemplo de bolha financeira que teve origem nos títulos sem liquidez dos bancos americanos⁸, que causaram a falência de bancos e economias mundo afora. Interessante observar que ao contrário do que a maioria dos economistas pensava, a crise financeira dos anos de 2008 e 2009 repercutiu muito mais nos países ricos do que nas economias periféricas em desenvolvimento. Apesar de todos os controles e desconfianças dos países desenvolvidos. Comprovou-se assim que as crises geradas em países do terceiro mundo são mais facilmente absorvidas pelas grandes potências, e as crises que realmente abalam o atual modelo econômico, defendido pelos países ricos, são criadas dentro deles próprios.

Os bancos cunharam a face mais severa do sistema capitalista – o monopolista financeiro, onde muitas vezes há sequer a produção de bens ou serviços e se ganha milhões a custa de especulações financeiras. Os bancos formam o grupo de empresas mais poderosas na atualidade. Estão intimamente ligadas ao destino de outras empresas e governos. Um estudo recente publicado pelo Instituto Federal de Tecnologia de Lausanne, na Suíça, aponta uma rede de poder onde 1318 empresas transnacionais concentram 20% das receitas globais de venda. O estudo identificou ainda uma super-entidade econômica, onde 1% dessas empresas controla 40% da rede inteira, sendo que

⁸ Crise dos Subprimes - é uma crise financeira desencadeada em 2006, a partir da quebra de instituições de crédito dos Estados Unidos, que concediam empréstimos hipotecários de alto risco, arrastando vários bancos para uma situação de insolvência e repercutindo fortemente sobre as bolsas de valores de todo o mundo. A crise foi revelada ao público a partir de Fevereiro de 2007, como uma crise financeira, no coração do sistema. Fonte: WIKIPEDIA - http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_dos_subprimes, acessado em 26/06/2011.

a maioria são bancos. Um dos bancos de destaque é o inglês Barclays, liderando a lista das 147 empresas superconectadas⁹.

FIGURA 10: A mesma tecnologia utilizada nos programas de simulador foi utilizada para fazer um retrato do poder das transnacionais na economia mundial. O gráfico representa as interconexões entre as empresas e o tamanho de cada ponto representa o tamanho da receita de cada uma das 1.318 transnacionais.



Os últimos eventos desde a crise de 2008 deixaram claro que esse modelo exploratório deve ser repensado. Pois se a economia é idealizada em rede, então somos todos responsáveis pela sua manutenção, seja como produtor ou consumidor.

O consumo

O consumo é a mola mestra do sistema capitalista e para esse modelo funcionar foi necessário reduzir todas as coisas à condição de mercadorias. O que se vê, o que se ouve e até o que se sente é consumido. Verificamos facilmente essa influência nas artes. A música muitas vezes é concebida pra ser consumida e não apreciada. Os filmes necessariamente devem render milhões em bilheteria e não encantar o espectador. Esse reducionismo estende-se até as próprias pessoas e suas relações pessoais. Pois é

⁹ Fonte: <http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=rede-capitalista-domina-mundo&id=010150111022>, acessado em 07/11/2011.

comum vemos homens e mulheres trocarem de parceiros como se estivessem fazendo um test drive.

O reducionismo capitalista certamente foi o que causou mais prejuízos a nossa sociedade. Atingindo o modo de vida por completo. O que se come, e como se come. O que se veste e como se veste. Tudo vira mercadoria, tudo está balizado pelo mercado, que facilmente destrói valores e culturas tradicionais. As pessoas passam a acreditar que o mais importante é o que está na moda e excluí aquilo que não estiver enquadrado dentro dela. Desde cedo as crianças são levadas a cultuar heróis estrangeiros, mais tarde acham que brincadeira boa é a do videogame e aos quinze anos de idade acham estranho aquele colega que ainda não foi à Disney.

O mercado necessita realimentar constantemente sua cadeia de valores, e faz uso da mídia e da publicidade para alcançar seus objetivos. Procuram as mais belas modelos/ manequins e os artistas mais carismáticos para apoiarem suas mercadorias. Os custos das principais mídias de veiculação são estratosféricos. As campanhas são regidas por uma verdadeira indústria cinematográfica que tem talentosos profissionais em seus quadros utilizando sua criatividade a serviço do mercado.

FIGURA 11: O patrimônio estimado do ex-jogador Ronaldo é de 1 bilhão de reais. Dentre os contratos que possui, um é vitalício com a Nike que paga cerca 14 milhões de reais/ano, já a AMBEV paga cerca de 2,5 milhões de dólares/ano, a Hipermercados 16 milhões de reais/ano, a Vale 5 milhões de dólares/ano e a Claro 2,5 milhões de dólares/ano. FONTE: Revista VEJA ed. 2205 de 23/02/2011.



As decisões são tomadas com base no desejo e na vaidade. O que é bom e belo tende a ser o último lançamento que passa na televisão. O melhor brinquedo, por exemplo, é o mais novo e não precisa ser muito durável, pois sempre haverá uma data especial para se ganhar outro. Criando um ciclo de consumo de produtos baseados na obsolescência programada e na obsolescência sugerida. Eles são criados para ter uma vida útil controlada, idéia criada na década de 30 do século passado para reverter a queda do consumo americano após a crise de 29.



FIGURA 12: Contradições do capitalismo. O contraste entre o cartaz e a fila de desempregados na fila da comida. STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. **Arte Comentada:** da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro.

Uma cadeia de exploração se desenvolve ao redor do consumo. A começar pela indiscriminada extração de matéria prima, os altos lucros no processo de distribuição e no exacerbado custo de publicidade e varejo. Os bancos estão ligados intrinsecamente a essa estrutura de consumo, conquistando mais lucros em cada um de seus anéis. Combater o consumo não seria a estratégia correta, já que as pessoas necessitam das trocas de bens para atender suas necessidades. A crítica é em relação e maneira como essas trocas acontecem e nos excessos cometidos para atender as necessidades das pessoas.

A tecnologia da informação tem contribuído para um sistema alternativo de trocas. Pessoas com o uso da WEB podem fazer suas trocas reduzindo os custos do

sistema tradicional. Novos modelos de compra surgem na rede. São leilões virtuais, compras coletivas e até mesmo o uso de conversão de pontos¹⁰, que estão transformando os negócios e a forma de conquistar clientes. E os bancos estão atentos a essa mudança tecnológica.

A tecnologia sem dúvida é a principal ferramenta dos bancos no processo de expansão dos negócios. Foi com a automação bancária que os bancos conseguiram reduzir seus custos de pessoal e tornaram-se mais eficientes. Contudo há de se pensar na inclusão tecnológica sem haver exclusão social. Pois se sabe que a automação bancária trouxe prejuízos para uma parcela dos clientes que estão excluídos digitalmente. (MÔNICA DESIDÉRIO)

Outra forma de exclusão social se dá no atendimento aos clientes. Geralmente os bancos se apóiam em estratégias de marketing para fazer a segmentação de clientes, buscando adequar o atendimento conforme a expectativa do cliente. Criam o chamado cliente VIP¹¹, pessoas que geralmente têm uma melhor condição financeira. Como reflexo dessa estratégia os clientes VIP geralmente não pegam fila, não precisam esperar muito para serem atendidos e tem condições negociais melhores. A segmentação bancária é contraditória, pois atender as diferentes expectativas é uma forma correta de se posicionar. No entanto, o que se vê é uma diferença na forma de atendimento aos clientes.

Dentre outras contradições do capitalismo e do consumo chega-se à China. Aquele país até então comunista, dá exemplo de como ser um bom capitalista. Tudo que se tem notícia de produto industrializado vem da China, até com bens de produção a China está competindo no ocidente. A princípio seria algo bom para eles, mas o que se

¹⁰ Um sistema de aquisição de pontos (créditos) adquiridos em algum programa de fidelização ou uso de cartões de crédito por exemplo.

¹¹ **VIP** – Very Important Person - esse termo deveria ser repensado pois para uma empresa não deveria existir um cliente mais importante que o outro.

vê na realidade é a mesma precarização do trabalho ocidental plasmada em terras orientais. Onde cada um quer ganhar seu quinhão¹².

A destruição e mutilação de nossa biodiversidade agora é global. As terras ficam cada vez mais improdutivas, as fontes de água ficam mais restritas a cada dia. E para alguns países a solução é consumir a produção do vizinho, mesmo que este esteja do outro lado do mundo. Onde pode parar esse ciclo de destruição?

2.5 – Ecoeconomia – uma nova visão econômica

A economia tradicional é pensada de maneira linear. Extrai matéria prima, produz bens e produtos, consome e descarta. Acreditando-se numa fonte inesgotável dos recursos. A passagem da economia tradicional para uma economia ecológica se deve aos trabalhos de Nicholas Georgescu Roegen e Kenneth Boulding. Fundadores de uma nova corrente de pensamento da economia – a Bioeconomia.

Uma economia projetada para a terra, que reconheça os limites de uma economia em expansão e os limites dos sistemas naturais. Reconhece também que a economia é parte do ecossistema da Terra e só poderá sustentar o progresso caso seja compatível com ele. Respeitando os princípios da ecologia integrada ao ecossistema de tal forma que seja harmônica entre os dois.

Para a ecoeconomia deve ser dado um novo rumo ao crescimento populacional, que só no ano 2000 ultrapassou o crescimento de todo o século XIX. Acompanhado de uma vertente industrialização dos países do terceiro mundo que entraram na onda do liberalismo a custo de um grande déficit ecológico¹³ e de grandes impactos ambientais.

¹² Bancos europeus entram na china. <http://www.wharton.universia.net/index.cfm?fa=viewArticle&id=2062> &language=portuguese, acessado em 08 de novembro de 2011.

¹³ Déficit econômico é o que tomamos uns dos outros, o déficit ecológico é o que retiramos das gerações futuras.

No livro Eco-economia¹⁴ de Lester Brown (2003), encontramos um exemplo que fica claro o caminho da economia ecológica. A partir de vestígios arqueológicos na Ilha de Páscoa (Pacífico Sul) identificaram um assentamento na data de 400 d.C. Estudos mostraram que cerca de 20.000 ilhéus prosperaram em uma terra rica de vegetação viçosa com árvores que chegavam a 2m de diâmetro e se alimentavam principalmente de golfinhos. Sua pesca era realizada com ajuda de canoas de grande porte e arpões. Contudo sua população aumentou de maneira desproporcional à recuperação sustentada da floresta, e finalmente desapareceram as grandes árvores. Alguns registros apontam que a certa altura impedidos de procurar sua principal fonte de alimentos recorreram desesperadamente ao canibalismo.

O exemplo procura ensinar que o crescimento contínuo desvinculado ao meio ambiente pode provocar efeitos devastadores para a humanidade. Amostras desses efeitos já podem ser observadas. Somente uma estreita camada de solo, medida em centímetros, contém os nutrientes necessários para prover a vegetação, o uso constante de práticas erosivas e contaminantes tem causado a redução das áreas cultiváveis. Estima-se que os EUA perderam até o ano de 1982 cerca de 3,08 bilhões de toneladas de camada superficial de solo em suas terras agrícolas. Estudos americanos apontam que a perda de 1", de camada superior do solo reduz a produção de milho em cerca de 6%. Dados mais graves levantados pelo banco Mundial citando Costa Rica, Malawi, Mali e México concluíram que anualmente perde-se cerca de 0,5 a 1,5 % do PIB desses países em produção agrícola. (BROWN, LESTER, 2003, p. 73)

A água geralmente é desviada de seu curso natural para atender demandas da indústria e da agricultura irrigada causando enormes prejuízos ambientais. A escassez hídrica está relacionada diretamente à segurança alimentar e a lista de países dependentes de importação de grãos e gêneros alimentícios é cada vez maior, fruto da escassez hídrica e da redução das áreas de produção. Numa economia globalizada a

¹⁴ Fonte: www.uma.org.br, acessado em 24/02/2011.

redução do lençol freático na China pode representar aumento no preço dos alimentos na quitanda da esquina.

Brown ainda adverte:

Com o crescimento populacional contínuo, a situação hídrica mundial só poderá se agravar. Já com a população atual, de 6,1 bilhões, o mundo tem um imenso déficit hídrico. Por meio de dados sobre a extração excessiva na China, Índia, Arábia Saudita, África do Norte e Estados Unidos, Sandra Postel, autora de *Pillar of Sand*, calcula a exaustão anual dos aquíferos em 160 bilhões de metros cúbicos, ou 160 bilhões de toneladas. Tomando-se uma base empírica de 1.000 toneladas de água para produzir 1 tonelada de grãos, esses 160 bilhões de toneladas de déficit hídrico equivalem a 160 milhões de toneladas de grãos, ou metade da colheita dos Estados Unidos. Na média per capita mundial do consumo de grãos, de pouco mais de 300 quilos anuais, ou um terço de uma tonelada, 160 milhões de toneladas de grãos alimentariam 480 milhões de pessoas. Em outras palavras, 480 milhões das 6,1 bilhões de pessoas do mundo estão sendo alimentadas com grãos produzidos com o uso insustentável da água. Estamos nos alimentando com a água que pertence aos nossos filhos.

Outra discussão levantada pela ecoeconomia trata da matriz energética. O modelo tradicional que se apóia em combustíveis fósseis não é sustentável, pois não se calcula o custo da perturbação climática. Enquanto uma matriz que utiliza energia solar e hidrogênio se torna mais sustentável. Estima-se que a queima de combustíveis fósseis geram 6 bilhões de toneladas de CO₂ por ano e o desmatamento 1,5 bilhões de toneladas/ano. O aumento do CO₂ na atmosfera traz conseqüências terríveis num cenário de mudanças climáticas. Estudos ambientais da Universidade de Maryland para cada 1 mm de elevação do mar representa em média o avanço do mar em 1,5m sobre o continente. Se houver um aumento de 50 cm nos EUA os prejuízos estimados variam de 20 a 150 bilhões de dólares.

A mudança para uma ecoeconomia só seria possível com a passagem paulatina para uma economia de baixo carbono. A energia do processo de extração e processamento não é contabilizada. Um bilhão de toneladas de minério, por exemplo, é extraída por ano para produção de aço destinado a automóveis, eletrodomésticos e construção. A mineração a céu aberto deixa enormes áreas desfiguradas, refugos ficam para trás contaminando mananciais e prejudicando córregos. A solução começaria nessa

contabilização através de impostos, taxas ambientais e programas de eficiência energética incentivados por governos.

Teoria do Decrescimento

Para alguns economistas a ecoeconomia de certa forma ainda defende o crescimento econômico, hipótese na qual a Teoria do Decrescimento rompe e radicaliza, desconsiderando completamente essa possibilidade. Tendo Serge Latouche¹⁵ um dos seus maiores defensores, o Decrescimento é propagado não só como uma corrente da economia, é mais completa e contempla uma ideologia política. Apóia-se no conceito de pegada ecológica, que calcula a superfície do planeta necessária para a manutenção sustentável das atividades econômicas, onde deveria limitar-se a consumir 1,8 hectares desse espaço bio-produtivo.

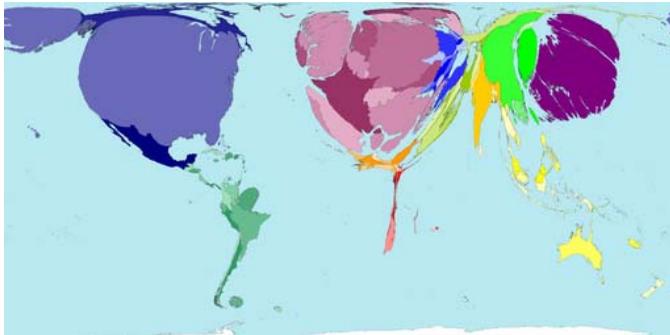


FIGURA 13: Representação do mapa mundi sob a ótica do PIB. FONTE: <http://sendosustentavel.blogspot.com/2009/11/porque-medir-o-progresso-importa.html>, acessado em 12/11/2011.

Latouche é hoje um dos propagadores de uma nova visão sócio-política. Surge como uma tocha incandescente no meio da escuridão que assombra a União Européia e o mundo.

O altruísmo deveria antepor-se ao egoísmo, a cooperação à concorrência desenfreada, o prazer do lazer à obsessão pelo trabalho a importância da vida social ao consumo ilimitado, o gosto pelo trabalho bem feito à eficiência produtiva, o razoável ao racional, etc. O problema é que os valores atuais são sistêmicos. Isto significa que são suscitados e estimulados pelo sistema e contribuem por sua vez para fortalecê-lo. Por verdadeiro, a eleição de uma ética pessoal diferente, como a singeleza voluntária, pode modificar a tendência e

¹⁵ Economista e filósofo é professor emérito da Universidade de Paris.

socavar as bases imaginárias do sistema, mas sem um questionamento radical do mesmo, a mudança corre o risco de ser limitada.¹⁶

Pressupostos do decrescimento:

- O sistema econômico tradicional depende essencialmente de recursos não renováveis o que contraria o princípio de crescimento ilimitado do PIB.
- Até os dias atuais não foi possível dissociar crescimento econômico e aumento do impacto ambiental.
- A riqueza fruto da economia deve ser compreendida além dos bens e serviços e reconhecida em formas mais sociais, como justiça, igualdade e o caráter democrático das instituições.

Seus pensadores não imaginam uma quebra instantânea com o atual sistema, contudo esperam aos poucos promover um desaquecimento de alguns setores, como automóvel, aviação e construção. Além de rever a durabilidade dos produtos, fortalecer a produção local e reduzir o consumo energético. A redução do trabalho é outro ponto debatido pelo decrescimento. Jacques Ellul, um dos primeiros pensadores de uma sociedade de decrescimento, fixava como objetivo para o trabalho não mais de duas horas por dia. Opta-se por trabalhar com qualidade, reapropriar-se do tempo e permitir o florescimento de cidadãos na vida política, privada e artística.

2.6 – Economia solidária (ES)

O conceito de economia solidária surge nos dias de hoje como uma alternativa ao modelo capitalista. Um de seus defensores é o economista brasileiro Paul Singer, de origem austríaca. Singer dedicou-se aos movimentos sindicais, a política e economia. Para Singer a ES é uma estratégia que se contrapõe à lógica do mercado capitalista e cria novas formas de organização da produção e geração de renda. Contudo, para

¹⁶ Fonte: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/11/339811.shtml>, acessado em 28/02/11.

alguns estudiosos o conceito de ES é bem mais ampliado, para Leonardo Boff a ES representa uma mudança nas relações humanas e desta com a natureza.

(...) o respeito aos ciclos da natureza, a sinergia com a Mãe Terra, a economia a serviço da vida e não do lucro e uma política sustentada pela hospitalidade, pela tolerância, pela colaboração e pela solidariedade entre os mais diferentes povos (...)

Está apoiada em três eixos; um econômico, onde a forma de produzir e comercializar é pautada pela cooperação e democracia, característica da auto-gestão; um cultural, a forma como se consome os produtos é repensada, opta-se por produtos locais, saudáveis, que não afetem a natureza; e um político, caracteriza-se por um movimento social que promove e apela por mudanças, distanciando-se das práticas excludentes.

Bancos sociais

O conceito de ES tem contribuído para o desenvolvimento de comunidades carentes através das iniciativas dos bancos sociais. São entidades de cooperação que colaboram para o incremento econômico e social de um local. Atuam com moedas próprias que são cambiadas no banco ou em locais pré-determinados.



FIGURA 14: Cédula de 5 palmas - o dinheiro social do Conjunto Palmeiras. Para cada palma em circulação o correspondente em reais fica lastreado. FONTE: <http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/secas/23739>, acessado em 12/11/2011.

Uma das experiências mais bem sucedidas dentre os bancos sociais é o Banco Palmas. Localizado no bairro Conjunto Palmeiras na cidade de Fortaleza, o banco conseguiu ao longo de 12 anos transformar a economia do bairro. Atuando com micro-crédito os pequenos empresários e empreendedores locais logo viram os benefícios de associar-se ao banco. Os bons resultados obtidos pelo Banco Palmas têm dado mais

credibilidade as iniciativas e programas desenvolvidos com a marca palmas. Vê-se a formação de um marketing e uma publicidade realmente pautada na ética e no compromisso social.

O Banco Pérola é outro promissor banco social. Localizado na cidade de Sorocaba, região da metrópole estendida de São Paulo. Criado pela administradora Alessandra França o banco nasceu de um plano de negócios da Artemísia¹⁷, centro de negócios sociais, atua desde 2009 e atende a população de jovens empreendedores. O Banco Pérola hoje é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) promovendo negócios e comunidades através do microcrédito.

Todas essas experiências têm como inspiração o trabalho de Muhammad Yunus, prêmio Nobel da paz em 2006, e no Grameen Bank, fundado em 1991 em Bangladesh. As origens do microcrédito estão vinculadas a experiência de Yunus e seu banco, que conta com uma das menores taxas de inadimplência do mundo, cerca de 1,5%.¹⁸ Yunus percebeu que ao emprestar dinheiro para as comunidades rurais criava um ciclo positivo de prosperidade, pois em um primeiro momento acabava com a prática extorsiva dos agiotas locais e posteriormente poderia amenizar a pobreza no campo.

2.7 – Bancos na contemporaneidade

Estar presente às causas sociais e apoiar as mudanças é uma das funções da responsabilidade social das empresas. O marketing bancário passa a reconhecer a necessidade de mudança e sofre uma adaptação para atender as expectativas dos consumidores. Nota-se a necessidade de se fazer notado enquanto instituição socialmente responsável. Faz-se uso das mais diversas mídias para divulgar as ações e programas, acreditando que o apelo do “verde” trará bons negócios. Certamente muitos

¹⁷ Artemísia se propõe a contribuir no combate a desigualdade social fomentando empreendedores e líderes sociais. Fonte: <http://www.artemisia.org.br/artemisia.php>, acessado em 28/10/11.

¹⁸ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Grameen_Bank, acessado em 01/10/11.

homens de negócios não estão dispostos a solidariedade e cooperação, mas surge uma classe de líderes que começam a compartilhar a idéia de que o bom negócio deva ser bom para os dois lados e também para a sociedade.



FIGURA 15: Portal sustentabilidade no site do Banco do Brasil. FONTE: <http://www.bb.com.br>, acessado em 12/10/2011.

Estratégias de negócio do BB como Desenvolvimento Regional Sustentável - DRS e Microcrédito Produtivo Orientado - MPO mostram que é possível essa nova abordagem nos negócios. O DRS tem alcançado localidades e pessoas que nunca foram atendidas por serviços financeiros, colaborando para uma maior inclusão bancária. Alinhado ao programa CRESCER¹⁹ do Governo Federal o MPO busca oferecer crédito a uma faixa da população sem acesso a serviços financeiros. A mudança começou a partir das boas experiências dos bancos sociais e do BNB. Uma das principais características do micro crédito é a volta a um antigo modelo de liberação de crédito, onde um analista de crédito se torna peça chave na operação. Contrariando a automação bancária que utiliza ferramentas computacionais como o *Credit Score*.*

¹⁹ CRESCER: programa do governo Dilma que pretenda expandir o microcrédito no Brasil, praticando taxas de 8% ao ano e TAC (Taxa de Abertura de Crédito) de 1% do valor do empréstimo. Fonte: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/08/24/programa-crescer-pode-transformar-sonho-de-ter-renda-e-independencia-em-realidade-diz-dilma>, acessado em 01/11/11.

* Pontuação para Limite de Crédito – conforme parâmetros preestabelecidos o sistema fixa os limites de crédito para cada cliente.

Os compromissos sociais têm levado os bancos a reverem suas abordagens negociais e de marketing. Um bom exemplo de marketing ecológico vem da parceria Prefeitura do Rio de Janeiro e banco Itaú. O projeto Bike rio oferece uma alternativa de mobilidade urbana com a implantação de 60 estações de aluguel de bicicleta. O investimento do banco Itaú foi fundamental para a viabilidade do projeto que conta com a operação da concessionária Pernambucana Serttel. Essa iniciativa dá visibilidade ao Banco e a Prefeitura oferecendo um bom serviço à população, contudo não se pode afirmar que se trata de um projeto sustentável como afirma seu site oficial.²⁰ Visto a prioridade dada à instalação na zona sul do Rio, reconhecidamente turística. Somente a continuidade das ações indicará a sustentabilidade do projeto.



FIGURA 16: Mapa de localização das estações. FONTE: <http://www.mobilicidade.com.br/bikerio.asp>, acessado em 17/11/2011.

No passado, os bancos defendiam um papel de extrema competição, um verdadeiro jogo de xadrez, onde toda estratégia era válida para conquistar uma nova casa. Atualmente essa postura é mais amena, é possível identificar uma grande aliança para a solução de problemas em comum. Contudo, a competição continua acirrada, mas

²⁰ Fonte: <http://www.mobilicidade.com.br/bikerio.asp>, acessado em 17/11/11.

em territórios específicos. Preparam-se juntos para cenários futuros compartilhando informações. Uma das alternativas que os bancos encontraram para superar as crises foi a fusão de dois ou mais bancos. Infelizmente os bancos menores saem em desvantagem nessas negociações, assim como os consumidores que passam a desfrutar de um mercado menos competitivo.

Os bancos procuram reduzir suas instalações e seu corpo funcional procurando obter o máximo rendimento de suas estruturas. Contudo os bancos estão mais próximos dos usuários e buscam através da tecnologia uma aproximação cada vez maior. Estão de olho nas novas modalidades de trocas e estão se adaptando. Na verdade os bancos são as empresas que mais facilmente se adaptam aos novos cenários.

Para o consultor em tecnologia da informação bancária José Luiz Cerqueira Cezar, num cenário para os próximos vinte anos, teremos grandes mudanças no Brasil e no continente. Ele aponta uma maior integração do mercado da América Latina com a criação de uma moeda própria onde os bancos brasileiros liderariam. Cerqueira crê num cenário onde os bancos internacionais sobreviveriam. Os bancos locais só se manteriam na ativa por conta de fusões ou troca de ações. Haveria a formação de mega bancos, acompanhando as tendências de verticalização de outros negócios e a ampliação do espaço eletrônico seriam os desafios da atividade bancária para os próximos anos.²¹

²¹ Fonte: http://blogdocerqueira.blogspot.com/2008/07/industria-bancaria-uma-viso-para-2020_08.html, acessado em 01/07/11.

Capítulo 3 – Sustentabilidade um novo paradigma

3.1 – Contextualização

A permanência da vida na Terra vem sendo discutida há anos. Grandes debates a partir da Eco 92 vêm somando as bases de uma cultura pela sustentação do homem no planeta. A sustentabilidade não é só uma palavra da moda, mas algo a ser interiorizado ao homem contemporâneo. Os motivos para o assunto vir à tona são muitos: Efeito estufa, secas prolongadas, ondas de calor, derretimento das calotas polares, tempestades fora de época, todos ligados a um desequilíbrio dos ecossistemas. No qual o homem se inclui, algo não compreendido até algumas décadas atrás.

Diversas teorias são levantadas sobre a permanência do homem na terra. Há teorias onde a Terra encontrará o seu equilíbrio independente da insensatez humana, onde a humanidade qualificada como praga sofreria grandes conseqüências. Outras apontam que o crescimento acelerado da população mundial por si só coloca em cheque a existência do homem.

Sobretudo é possível ver um levante por uma relação mais harmônica homem-planeta. Procurar a eficiência e qualidade em soluções para as necessidades humanas é um começo. A eficiência perpassa por todas as etapas de produção e o entendimento da análise do ciclo de vida dos produtos tem colaborado. Uma ferramenta da gestão ambiental que faz a compilação e avaliação das entradas, saídas e dos potenciais ambientais de um sistema de produto ao longo do seu ciclo de vida. Entende-se ciclo de vida como a sucessão das atividades no decurso da vida de um produto, desde a fabricação, utilização, manutenção e deposição final; incluindo aquisição de matéria-prima para fabricação.

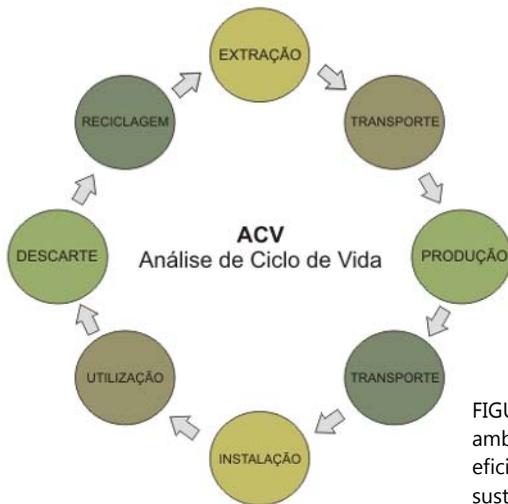


FIGURA 17: Análise de Ciclo de Vida. A ferramenta da gestão ambiental que tem promovido uma maior compreensão da eficiência. FONTE: <http://karlacunha.com.br/arquitetura-sustentavel/material-e-mao-de-obra/>, acessado em 27/05/2011.

Outro importante instrumento que promove o entendimento à sustentabilidade é o chamado Crédito de Carbono. Considerando que todas as atividades humanas estão intrinsecamente ligadas ao consumo de energia e essa energia está relacionada a queima de combustíveis fósseis, criou-se uma metodologia de neutralização das emissões de gases nocivos a partir do plantio e preservação de florestas. Na verdade a contabilidade de carbono é um modelo de compensação, que para alguns pesquisadores não representa uma real solução à degradação ambiental, mas sim a possibilidade de manutenção desta.

Portanto o debate não pode ficar por conta somente da emissão de CO₂, mas toda ação visando uma menor perturbação ambiental é bem vinda. Para se ter uma idéia a indústria cimenteira é responsável por 7% das emissões de CO₂²² no mundo, sendo que 43% do cimento mundial são consumidos na China. A condição no Brasil é mais favorável, pois na composição do cimento usamos escória de alto-forno da indústria siderúrgica e nossa matriz baseia-se em hidrelétricas o que reduz em 43% a emissão de CO₂. Portanto nosso cimento é mais ecológico. Ainda se pesquisa a possibilidade de utilização de cinzas do bagaço de cana, cinzas de casca de arroz e rejeitos da indústria

²² Para cada tonelada de cimento sobra uma tonelada de CO₂ na atmosfera, dados do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas.

cerâmica na preparação de concreto²³. Colaborando na redução de emissão de CO2 e na reciclagem de refugos industriais.

Contudo a contabilidade de carbono não calcula o custo da perda de ativo do capital natural, ou seja, se planta árvores sem considerar a biota inserida. Além de não mexer no cerne da questão ambiental que é modelo exploratório de produção e consumo. Por esses motivos o balanço de carbono e a eco-eficiência são tão criticados.

(...) O crescimento pelo crescimento se converte assim no objetivo primordial, se não o único da vida. Semelhante sociedade não é sustentável, já que se topa com os limites da biosfera. Se tomamos como índice do "peso" ambiental de nosso modo de vida, "sua impressão" ecológica na superfície terrestre necessária, obtemos resultados insustentáveis tanto desde o ponto de vista da equidade nos direitos de absorção da natureza como desde o ponto de vista da capacidade de regeneração da biosfera. Um cidadão dos Estados Unidos consome em média 8,6 hectares, um canadense 7,2, um europeu médio 4,5. Estamos muito longe da igualdade planetária e mais ainda de um modo de civilização duradouro que precisaria restringir-se a 1,4 hectares, admitindo que a população atual se mantivesse estável.

Para conciliar os dois imperativos contraditórios: o crescimento e o respeito pelo meio ambiente, os especialistas pensam encontrar a poção mágica na "ecoeficiência" como peça central e na verdade única do "desenvolvimento duradouro". Trata-se de reduzir progressivamente o impacto ecológico e a amplitude da extração dos recursos naturais para atingir um nível compatível com a capacidade admitida de ônus do planeta. (LATOUCHE, Serge, 2005)

Consumo consciente

A mudança necessariamente significativa é no comportamento do ser humano, o que pode ser notado a partir dos conceitos de consumo sustentável. Em oposição ao sistema exploratório e ambientalmente degradante, a sociedade passa a rever sua maneira de consumo. A busca por produtos ecologicamente corretos de origem conhecida e certificada é crescente. Assim como a procura por um comércio justo e socialmente responsável. Para SOUZA, 2010, o consumidor deve exercer o papel ainda

²³ Pesquisa do professor Romildo Toledo coordenador do Programas de Pós-graduação de Engenharias (Coppe) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=3493&bd=1&pg=1&lg=>, acessado em 02/11/2011.

mais importante o de "protagonista" na construção da Cultura da Sustentabilidade e estar consciente da importância de incentivar um consumo sustentável.

O conceito de consumo sustentável tem sido interpretado no Brasil apenas como redução de impactos ao meio ambiente e até mesmo como uma forma de economizar dinheiro, quando na verdade envolve um compromisso mais amplo com as gerações futuras e com a redução da desigualdade social a partir de uma política de justiça ambiental, social e redistributiva." (SOUZA, THOMAS, 2010, p.18)

O perfil do consumidor protagonista se apóia em algumas práticas elencadas por SOUSA, 2010 em seu trabalho.

- a) consumo de alimentos orgânicos e agroecológicos;
- b) consumo de alimentos naturais (vendidos a granel e integrais);
- c) baixo ou nenhum tipo de consumo de carne;
- d) boicote aos alimentos transgênicos;
- e) fazer uso dos órgãos de defesa do consumidor;
- f) consumir produtos de empresas, cooperativas ou grupos informais sem histórico de impactos sociais e ambientais;
- g) participar de movimentos sociais, ambientais, ONGs ou campanhas;
- h) incentivar a economia solidária e o comércio justo;
- i) consumir produtos com certificado ambiental;
- j) praticar os 7 Rs recusar, reduzir, reutilizar, reciclar, repensar, ressignificar e radicalizar.

Mudança no comportamento social

Os benefícios de morar nas grandes cidades começam a ser reavaliados tendo em vista as perdas de qualidade ambiental e social. Morar em grandes cidades significa conviver com grandes problemas: congestionamentos, déficit de moradia, falta de

saneamento, insegurança, saúde precária , são alguns dos desafios dos gestores públicos. Em sua maioria precários, as deficiências dos sistemas acabam por trazer mais problemas que qualidade de vida. Juntando-se as necessidades diárias do trabalhador no mundo capitalista forma-se o cenário de novas doenças como a depressão e o estresse. É na busca de novas formas de se relacionar socialmente e ambientalmente que começam a surgir movimentos que promovem um novo comportamento socioambiental.

Slow live (vida lenta/desacelerada) - Simplicidade voluntária - Bem-Viver, são algumas das correntes de pensamento que se opõe a cegueira do bem estar capitalista. Baseado num crescente consumo e na busca por um conforto questionável. São linhas de comportamento e ideologia de vida semelhantes/ complementares. O Slow life tem suas origens ligadas a crítica ao Fast food, reconhecido por trazer malefícios à saúde. Os adeptos ao movimento Slow procuram dispensar prazerosamente o seu tempo a alimentação fazendo-o de maneira mais consciente. Buscando também uma maior satisfação com os bens que possui e sem esbanjamento, a simplicidade voluntária procura identificar no singelo a busca pela felicidade. Não significa uma vida de restrições e sim de satisfação plena mesmo com aquilo que parece pouco.

Resgatada da cultura andina o Bem-Viver (Sumak Kawsay, viver em plenitude no idioma tradicional dos Andes) considera uma vida de plenitude a partir do equilíbrio homem e natureza. Contempla uma economia do bem comum e uma vida sem desperdícios, onde o consumo se faz de maneira consciente e respeitando a coletividade. As oportunidades devem chegar a todos considerando as gerações que ainda virão. Promove uma vida rica nas várias dimensões: física, psicológica e espiritual.

Um morar diferente

A arquitetura pode ser encarada como um espelho da sociedade em um determinado momento histórico. A mudança de paradigma de uma sociedade de consumo em massa para uma sociedade em harmonia com a natureza pode ser percebida em uma nova forma de morar e de se construir habitações.

Earthship é um conceito criado pelo arquiteto norte americano Michael Reinolds para a arquitetura, passou a desenvolver após sua formação na Universidade de Cincinnati em 1969. Consiste em uma arquitetura pautada pelos seguintes princípios: uso de energia solar e eólica, uso da energia solar para o conforto térmico, captação de água, tratamento de esgoto autônomo, construção com materiais naturais e reciclados e produção de comida.



FIGURA 18: Construção em Earthship em Phoenix, EUA FONTE: <http://en.wikipedia.org/wiki/Earthship>, acessado em 01/11/2011.



FIGURA 19: Banheiro em Earthship em Phoenix, EUA FONTE: <http://en.wikipedia.org/wiki/Earthship>, acessado em 01/11/2011.



FIGURA 20: Construção em Earthship em Stanmer Park, Brighton, Reino Unido FONTE: <http://en.wikipedia.org/wiki/Earthship>, acessado em 01/11/2011.

Coohousing traduzindo do dinamarquês é viver em comunidade. São conjuntos de lares privados que desfrutam o benefício de viver de uma vida mais equilibrada e em comunidade. As casa são projetadas para atender as diferentes necessidades, mas sempre preservando uma relação de proximidade e ligação com a Common House (Casa Comum). Um local onde as pessoas podem se encontrar, traçar planos e compartilhar pelo menos uma refeição por semana. O convívio é estimulado pelo desenho das casas e se valoriza as relações pessoais. As divergências são tratadas em consenso, não há hierarquia, mas as lideranças são reconhecidas.

Aproximando-se um pouco do conceito de cohousing encontramos uma das formas de se morar mais equilibrada, a Ecovila. Busca construir uma vida em comunidade de forma alternativa que respeite a natureza. Reciclar materiais, não poluir e retirar da natureza somente o que for possível repor são características das ecovilas. Procuram desenvolver atividades de cunho social, cultural, ecológico e espiritual, atuando em redes para promover soluções globais. Tem suas origens nos anos pós-segunda guerra mundial, onde a sociedade passou por uma maior conscientização social e política.

A maior ecovila do mundo – Auroville fica no sul da Índia. Fundada no início da década de 70 surgiu a partir da utopia do filósofo hindu Sri Aurobindo. Conta com população de três mil moradores em uma área de 20 quilômetros quadrados. Num país repleto de contrastes e caos surge Auroville desafiando suas complexidades, um local que se traduz pela busca à harmonia e liberdade. Não se impõe doutrina religiosa, contudo no centro da cidade um monumento lembra e faz refletir o mistério da vida.



FIGURA 21: Grande monumento - Matrimandir, no centro da cidade. Num local conhecido como área da paz. FONTE: <http://ricardodugo.blogspot.com/2011/08/auroville-e-consciencia-divina.html>, acessa-do em 12/07/2011.

3.2 – Os bancos frente ao novo panorama

Os bancos já começam a mostrar uma nova postura diante da perspectiva da sustentabilidade. Podemos ver uma mudança no relacionamento entre os bancos, que

reunidos em torno da Federação Brasileira dos Bancos (FEBRABAN) uniram-se para buscar soluções de problemas em comum. Questões como a regulamentação, a automação bancária e os crimes cibernéticos são discutidos e tratados em conjunto.

A federação funciona como fórum para discutir os novos rumos. A aproximação possibilitou o intercâmbio de conhecimentos e parcerias entre aqueles que até pouco tempo disputavam a liderança no mercado. Hoje existe uma relação de respeito e cooperação entre os ex-combatentes permitindo criar soluções em conjunto, que também trazem benefícios para a sociedade. Exemplo dessa união é a ELO, bandeira de cartões de crédito totalmente nacional com participação do Bradesco e do Banco do Brasil. Com a criação dessa empresa espera-se uma redução no envio de royalties para o exterior.²⁴



FIGURA 22: Raio X da nova empresa – ELO, oportunidade de redução dos custos e o possível repasse aos usuários. FONTE: http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/21418_ELO+DE+GIGANTES, acessado em 07/11/2011.

²⁴ http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/21418_ELO+DE+GIGANTES, acessado em 07/11/2011.

Encarada por muitos especialistas como grande monopolizador de recursos, o uso de cartões é criticado como ferramenta de trocas. A disseminação dos cartões de crédito e débito multiplicam as receitas dos bancos. Em contrapartida trás alguns prejuízos para os consumidores a partir da desmaterialização do dinheiro e conseqüente perda de noção de valor. Os bancos devem agora contribuir para uma nova percepção de valor a partir dessa desmaterialização, onde os benefícios devem sair do espaço corporativo e chegar também aos usuários.

Mas não é tarefa fácil sair da condição de motor da economia para uma de mantenedor. Enquanto motor, os bancos dependem de um crescimento contínuo, indefinido. Uma máquina que não pode parar, caso contrário entra em colapso. Como mantenedor os bancos aproximam-se do vento que bate nas asas de um planador dando-lhe sustentação. Os bancos devem assumir uma nova missão diante da perspectiva da sustentabilidade, carecem mudar a visão rasteira da ciranda financeira para uma visão de catalisador da energia proporcionada pelo capital acumulado.

Os bancos já perceberam que os compromissos da responsabilidade socio-ambiental já não são suficientes para atender o caminho da sustentabilidade. Procuram desenvolver práticas que se alinhem ao novo paradigma. No hall do conhecimento público e corporativo enumero algumas ações de responsabilidade socio-ambiental que acredito estar no caminho da sustentabilidade. Contudo, só com o passar dos anos poderemos confirmá-las.

- Projeto cisternas da FEBRABAN, até 2007 foram entregues 29.629 unidades a famílias da região do semi-árido. Ligado ao Programa um Milhão de Cisternas (P1MC) da Articulação do Semi-Árido Brasileiro (ASA).

- Programa café com sustentabilidade, encontros promovidos entre estudiosos da área de sustentabilidade e líderes bancários. Como fruto desses encontros uma série de documentos foram lançados e encontram-se disponíveis ao público no site oficial.

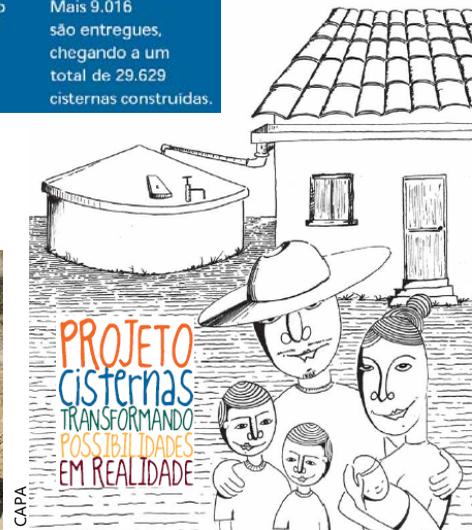
- Programa Jovem aprendiz bancário, alinhado a legislação trabalhista o programa prevê a inclusão do jovem trabalhador na categoria de aprendiz. É o momento de complementar e educação do jovem e criar as condições para inserção no mercado de trabalho.

JUN 2003	AGO 2004	SET 2005	DEZ 2006	DEZ 2007
Tem início o Projeto Cisternas.	São entregues 10.434 cisternas.	São concluídas mais 10.179 unidades, totalizando 20.613 cisternas entregues.	Início a Avaliação Socioeconômica do projeto.	Mais 9.016 são entregues, chegando a um total de 29.629 cisternas construídas.

FIGURA 23: Evolução do projeto cisternas. FONTE: Cartilha do Projeto Cisternas, 2010.



FIGURA 24: Técnica de construção das cisternas. Placas de solo-cimento, mão-de-obra local. FONTE: Relatório Social FEBRABAN - 2010.



A FEBRABAN também colabora em áreas como educação financeira. Já lançou vários programas para sensibilizar os consumidores. Dentre eles o Programa Meu bolso em dia, que conta com um portal na internet - www.meubolsoemdia.com.br. Neste espaço o usuário tem acesso a uma série de informações para contribuir para a sua saúde financeira. Outra boa iniciativa foi a disponibilização do Jimbo, um software de educação financeira disponível para download gratuitamente.

Segundo o Relatório Social da FEBRABAN – 2007 os investimentos sociais dos bancos somaram em 2003 mais de 550 milhões de reais e em 2007 mais de 880 milhões. Somados aos incentivos fiscais esse valor passa de 1.1 bilhão em 2007. Certamente

todas essas iniciativas tiveram como base os princípios da responsabilidade socio-ambiental, que ainda estão distantes de uma cultura de sustentabilidade.

Sobretudo os princípios da responsabilidade sócio-ambiental ainda que ligados a razão social das entidades jurídicas está longe de corresponder às carências do trabalhador financeiro. A precarização do serviço através de correspondentes bancários e de escritórios autônomos tem trazido grandes prejuízos ao trabalhador. O trabalho bancário é considerado um dos mais estressantes, no passado levava muitos profissionais a dependência alcoólica e a depressão. A saúde do trabalhador bancário também é uma das mais sensíveis à lesão por esforço repetitivo/distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORT) e aos distúrbios mentais e comportamentais, sendo responsáveis, respectivamente, por 56% e 19% do número de dias de afastamentos.

3.3 – Arquitetura sustentável

Fazer arquitetura sustentável antes de tudo é considerar a busca de uma solução que não é conclusiva. Pois, sustentabilidade não pode ser compreendida como fim, mas como meio. É a formação de uma nova cultura onde o caminho é a sustentabilidade. Portanto não existe solução definitiva para algo que está em constante ciclo. As soluções são dadas para uma determinada fase, mas devem vislumbrar a evolução do ciclo como um todo. Arquitetura sustentável é aquela que contempla três dimensões: a ambiental, a social e a econômica. Procura o resultado mais eficiente não causando impacto ambiental ou encontra formas de neutralizá-los.

O design é uma arma de grande poder que o arquiteto/designer tem em suas mãos e pode dominá-la para o bem ou para o mal. O ser humano é a única espécie que tem prazer pela curiosidade e o aprendizado com o erro, com a experimentação. O designer por sua vez tem qualidades de dar ordem ao caos, de simplificar o complexo.

Exerga além de seu tempo e traça planos para problemas futuros. Sua condição confere ao profissional certo grau de genialidade, capaz de levar uma pessoa a 600m de profundidade no mar e a uma altura de 10.000m no céu.

Contudo o designer até hoje usou essa condição a favor da manutenção de um modelo exploratório de produção. O caminho que o design deve percorrer agora passa por uma reformulação ética como aponta Papanek.

Uma perspectiva mundial baseada no reconhecimento do pouco que sabemos poderia não só proteger-nos de futuros erros devastadores, mas requerer também um abandonar da arrogância, que se afigura uma característica tão forte na personalidade dos designers e arquitetos. Poderíamos, inclusive, tentar encontrar um pouco da tão necessária humildade. Pode ser esse o ponto cardeal onde a prática do design encontra o lado espiritual. O budismo ensina a humildade e a futilidade das posses materiais e, na verdade, são estes os princípios de muitas filosofias e religiões.

Talvez não devesse existir a categoria espacial chamada "design sustentável". Talvez mais simples presumir que os designers tentassem reformular os seus valores e o seu trabalho, de modo a que todo design se baseasse na humildade, combinasse os aspectos objetivos do clima e o uso ecológico dos materiais com processos intuitivos e objetivos, e assentasse em fatores culturais e regionais. (PAPANEK, 1995, p.14)

Outro passo importante para a transformação do design é na atitude do consumidor que Papanek chama de utilizador. Por crer que o usuário final de um produto desempenha um papel de maior importância que somente o de consumir.

Os consumidores estão também implicados nesta crise ecológica. Na corrida gananciosa por cada vez mais bens materiais, negligenciamos gravemente as nossas ligações com a natureza e a nossa responsabilidade para com o meio ambiente; estamos a perder amor, afeto e respeito uns pelos outros; estamos a esquecer a alegria do efêmero e a liberdade de possuir pouco em termos de bens materiais. (PAPANEK, 1995, p.15)

Arquitetura sustentável é primeiramente manter uma postura ética. Fazer o bom e promover o bem. Conceber um bom projeto, desenvolver uma boa técnica, fazer uma boa construção, sensibilizar e divulgar ao consumidor de maneira despretensiosa e responsável. Visando sempre o tripé sustentável: o meio ambiente, a promoção social e a promoção econômica.

O bom exemplo NMB Bank

O Middenstandsbank Nederlandsche (NMB) em 1978 buscou uma nova imagem e uma nova sede que conciliasse um edifício orgânico que integrasse arte, materiais locais, luz natural, vegetação, conservação de energia, e a felicidade dos funcionários. O Projeto dirigido por Ton Alberts levou três anos para terminar, pois havia uma constante troca de informações entre todos os envolvidos, onde um deveria saber o que o outro estava fazendo. A construção começou em 1983 e só terminou em 1987.

A sede conta com 10 torres dispostas em forma de S com jardins internos, abriga cerca de 2400 funcionários e fica ao sul de Amsterdam. O prédio é um dos mais reconhecidos na cidade e projetou o banco que era o quarto da Holanda para a segunda colocação.

FIGURA 25: Implantação das torres. FONTE: <http://www.albertsenvanhuut.nl>



FIGURA 26: Visão geral do conjunto. FONTE: <http://www.albertsenvanhuut.nl>



Arberts fez uso de arquitetura passiva e concebeu um dos edifícios mais eficientes da Europa passando a consumir 96 kWh/m² por ano, sendo que a sede

anterior consumia 1320kWh/m² por ano. O prédio não utiliza ar condicionado. Cria sua própria eletricidade com turbinas a gás e armazena o calor produzido em caldeiras. O prédio conta com dispositivos de monitoramento da luz natural, quando os índices caem, acionam a luz artificial automaticamente.

Dispositivos na cobertura coletam água da chuva que é direcionada para o interior do prédio promovendo umidade e rega de jardins internos. As escadas são usadas com mais frequência, economizando energia e incentivam a interação entre as pessoas. O edifício em 2002 recebia cerca de 75 mil turistas e contava com uma lista de espera de seis meses.



FIGURA 27: Jardins e fontes entre as torres. FONTE: <http://www.albertsenvanhuut.nl>.



FIGURA 28: Vista interna – valorização das escadas. FONTE: <http://www.albertsenvanhuut.nl>



FIGURA 29: Fachada atual. FONTE: www.panoramio.com, 2010.

3.4 – Caminhos da arquitetura sustentável

Analisando a produção arquitetônica contemporânea é possível inferir que temos atualmente duas correntes na concepção de edifícios sustentáveis. Uma se concentra em

soluções técnicas, enquanto a outra procura ver o objeto arquitetônico de maneira mais holística. No eixo que trata as soluções sob o viés técnico encontramos a arquitetura inteligente, a arquitetura certificada, a vernacular e a arquitetura bioclimática. Em todas é possível identificar compromissos com a sustentabilidade sob um olhar técnico. O eixo holístico procura interpretar os condicionantes sustentáveis sob a perspectiva holística, que é mais perceptível na arquitetura ecológica e na bioconstrução.

O eixo tecnológico

Arquitetura inteligente ou domótica tem como características mais marcantes a monitoração e o controle integrado dos sistemas prediais (elétrico, hidráulico, iluminação, ar condicionado, elevadores, proteção contra incêndio, segurança, etc. Todos regidos por um sistema de automação predial. O que traz enormes ganhos em nível de eficiência energética e qualidade do ambiente. Apóia-se em tecnologias avançadas como a fibra ótica e a tele-informática.

A arquitetura Certificada por sua vez procura desempenhar seu papel voltando-se para o mercado imobiliário. As primeiras certificações surgiram na Europa na década de 90 e logo espalharam-se pela Ásia e EUA. O mercado brasileiro de grandes edifícios adotou a certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design) procurando adaptar-se as grandes gerenciadoras de capital americano instaladas no Brasil. Seu objetivo concentra-se na racionalização de recursos materiais, água e energia. Em recente visita ao Brasil Huston Eubank²⁵ afirmou que os edifícios verdes reduzem em até 40% a emissão de carbono. Ele levanta a tese de que o investimento em eficiência energética pode ser um bom negócio, onde as construções verdes são vendidas por 30% a mais de seu preço de custo. Contudo, o debate da arquitetura certificada se torna

²⁵ Especialista em edifícios verdes e ex-diretor executivo do World Green Building Council (GBC).

superficial quando tratado somente em torno da eficiência energética e dos maiores ganhos no momento da venda apoiados no marketing verde.



CORTE ILUSTRATIVO

FIGURA 30: Contradições dos edifícios verdes - Dynamic Tower Dubai. Arranha-céu com 79 turbinas eólicas para produzir energia entre os andares giratórios. Detalhe do carro no andar da garagem. FONTE: <http://www.piniweb.com.br/construcao/arquitetura/dubai-tera-predio-giratorio-de-80-andares-93971-1.asp>, Acessado em 1/7/2008.



A arquitetura bioclimática passa pela interpretação do clima e do lugar para prover uma solução arquitetônica. Aproxima-se de aspectos ecológicos como a permeabilidade do solo e busca por um conforto ambiental integrado com a natureza. Essa arquitetura aproxima-se da arquitetura vernácula, que se inspira nas experiências e no processo de construção tradicional. Parte de uma cultura internalizada popularmente para uma solução contemporânea. É a arquitetura que associa baixa tecnologia com alta eficiência. Contudo na arquitetura vernácula o método é a combinação de material, ferramenta e processo. Geralmente conduzido pela autoconstrução o que não acontece na arquitetura bioclimática.



FIGURA 31: Residência em Tijucopava (1996), arquiteto Marcos Acayaba. FONTE: <http://www.marcosacayaba.arq.br/lista.projeto.chain?id=2>, Acessado em 5/7/2011.

A palavra design por vezes tem tradução errônea e geralmente é confundida com desenho. Na verdade não temos em nossa língua uma palavra que traduza completamente esse termo, que é projeto, análise, planejamento e também desenho. A arquitetura ecológica, assim como a bioarquitetura traduzem o real valor do design para a formação de uma arquitetura sustentável.

Tem como princípio a não agressão, o não impacto, o respeito às pessoas e ao planeta. Considera todo o ciclo de vida das edificações e dos materiais. É a arquitetura baseada na estratégia dos "R": **Reduz** o consumo e o desperdício, **reutiliza/recicla** os recursos/materiais, e **reduca** o usuário.

A bioarquitetura é a sem dúvida a arquitetura que promove a maior relação construção-usuário. Um colabora com o outro, um ensina ao outro, existe uma relação de simbiose e não de exploração, uma relação de respeito e efetividade. O usuário dialoga constantemente com o lugar e com o objeto arquitetônico. Ela consegue fechar os ciclos energéticos apresentados no início deste trabalho (ver figura 1), faz uso de tecnologias sociais de baixo carbono e ajudam na educação de seus usuários.



SALA DE AULA

FIGURA 32: Escola Meti, 2005. Rudrapur, Bangladesh. Arquitetos Anna Heringer e Eike Roswa. Escola feita á mão distribuída em dois pavimentos construída com bambu, palha e juta. FONTE: <http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/182/de-volta-a-arquitetura-vernacular-na-meti-school>. Acessado em 20/7/2011.

Diferente da bioconstrução a arquitetura ecológica não consegue estabelecer uma relação tão próxima. É uma edificação que interage com o usuário colaborando na disciplina e educação sustentável. Tem estratégias de projeto claras quanto aos resíduos, materiais, sistemas e recursos naturais. São obras que desde o estudo preliminar até a pós-ocupação são responsáveis pela eficiência. Procuram não produzir resíduos e planejam o reaproveitamento nos casos de demolição. Fazem uso da baixa e da alta tecnologia em harmonia com o contexto local e social.

O exemplo de Freiburg²⁶ nos ajuda a entender melhor esse caminho da arquitetura. Todo o sistema de mobilidade da cidade foi pensado para valorizar o transporte público e de baixo impacto. As pessoas fazem uso de bondes elétricos e principalmente bicicletas. Suas construções fazem uso de arquitetura passiva²⁷ para garantir o equilíbrio térmico, tanto no verão como no inverno. São edificações extremamente eficientes do ponto de vista energético e procuram fazer uso de energia fotovoltaica. Tem apoio do governo para o uso de energias limpas, onde o excedente é comprado pela rede de abastecimento.



FIGURA 33: Casas geminadas no bairro solar de Rolf Disch. FONTE: Müller, 2001, p. 84



FIGURA 34: Planta geral do bairro Vauban. Boas experiências em Freiburg. FONTE: Müller, 2001, p. 85

²⁶ <http://ecotecnologia.wordpress.com/2008/01/12/vila-solar-em-freiburg-alemanha/>

²⁷ <http://www.passiv.de/English/PassiveH.HTM>

Capítulo 4 – O sítio e o Projeto

“We can’t solve problems by using the same kind of thinking we used when we created them.”

Não podemos resolver problemas usando o mesmo tipo de pensamento que usamos quando os criamos.

A. Einstein

4.1 – O local

Um dos 13 municípios integrantes da região metropolitana de Fortaleza, Eusébio está localizado na saída sul de Fortaleza. O município surgiu a partir do desmembramento da cidade de Aquiraz em 1987. Seu nome tem origem na homenagem ao abolicionista Euzébio de Queiroz Matoso Câmara, que lutou pela proibição do tráfico de negros para o país. Tem população atual de 46.047 habitantes ⁽³⁾, ocupa área de 79,01 km² e em conjunto com mais 12 municípios forma a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

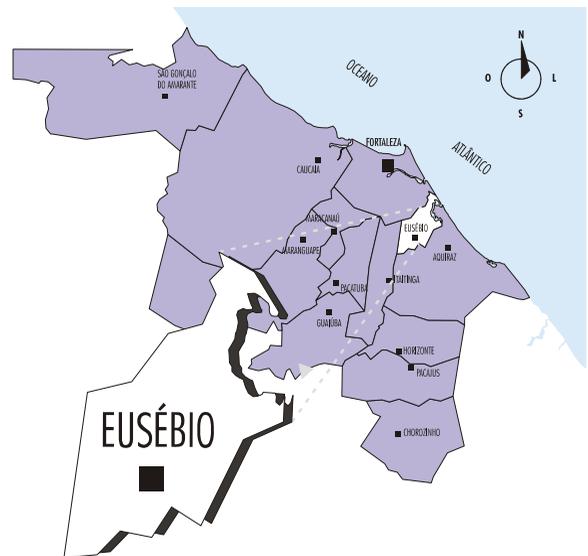


FIGURA 35: Mapa esquemático da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Destaque para o município de Eusébio. FONTE: Gráfico do autor.

⁽³⁾ FONTE: IBGE

O PDDU aponta uma ligação mais estreita entre a população do Eusébio e o bairro de Messejana e o bairro Seis Bocas proporcionada pela busca de serviços inexistentes no Eusébio. Contudo o município recebe influências do eixo de expansão ao longo da CE-040.

Por estar entre o litoral e o sertão o município pode atuar de forma complementar ao turismo. Sua característica econômica principal é a indústria. No entanto, há no município várias empresas prestadoras de serviço (não poluidoras), que foram atraídas pela prefeitura na década de 90. Essas empresas colaboraram para mudar a apazibilidade do lugar, como aponta o PDDU-Eusebio, 2001.

(...) seja a boa qualidade de vida. Como já foi feita referência, torna-se necessário prever novas formas de inserção urbana, despojadas dos traços tradicionais de estruturação industrial e depois de serviços, onde as formas do bem viver sejam deixadas para depois, permanecendo inatingíveis. A ambiência com ares interioranos tem provocado um refluxo de populações de cidades grandes para cidades pequenas em outras áreas do Brasil. Esta pode ser uma diretriz a ser seguida, estrategicamente, pelo Eusébio.

4.2 – Terreno

O sítio escolhido para intervenção é de propriedade privada onde funcionava uma granja. Atualmente desativada, ainda restam as ruínas de três galpões e um depósito. O terreno que pertence a um cliente do BB encontra-se disponível para operação. A testada de maior dimensão chega a 262m, considerando o ponto mais baixo e o mais alto apresenta um desnível de 7.5m. Ocupando uma área total de 28.460m².



FIGURA 36: Foto panorâmica do terreno. FONTE: Acervo do autor.



FIGURA 37: Localização do sítio. FONTE: Gráfico do autor.

A frente principal fica voltada para Av. Airton Senna, que chega ao autódromo, e mais adiante a Sede da Prefeitura. A outra frente fica na Rua Eduardo Sá, que dá acesso a atual agência do BB. O terreno está localizado a menos de 50m da Câmara Municipal e da Escola de ensino fundamental e médio Ana Bezerra de Sá, além de outras edificações importantes.

4.3 – Conceito

Mirado no bom exemplo de Ton Alberts e nos conceitos de arquitetura ecológica buscou-se idealizar um espaço acolhedor que favoreça a aproximação entre a instituição e a comunidade. O edifício inserido em um grande sítio formando uma área de parque no centro da sede municipal margeado por outras edificações importantes como a

Câmara Municipal e o Fórum. Uma edificação que consiga promover o equilíbrio natural, a promoção social e a promoção econômica.

Contudo a mudança só seria possível mediante a educação para uma cultura de sustentabilidade. O edifício passa a colaborar para a formação dessa cultura com uma área específica destinada a educação corporativa e comunitária.

O projeto de um edifício bancário necessita grande parcela de objetividade, segurança e domínio das tecnologias bancárias e construtivas. O edifício obedece ao atual programa, mas deve considerar a possibilidade de alterações e mudanças. A concepção espacial considera o espaço de trabalho como parte da cultura da organização. Busca-se uma maior inserção na vida dessa comunidade e no meio ambiente como forma de garantir a sustentabilidade institucional.

A segurança das pessoas e do patrimônio merece atenção redobrada com uso de recursos humanos e aplicação de tecnologias em seus vários níveis como indica MANDARINI, 2006.

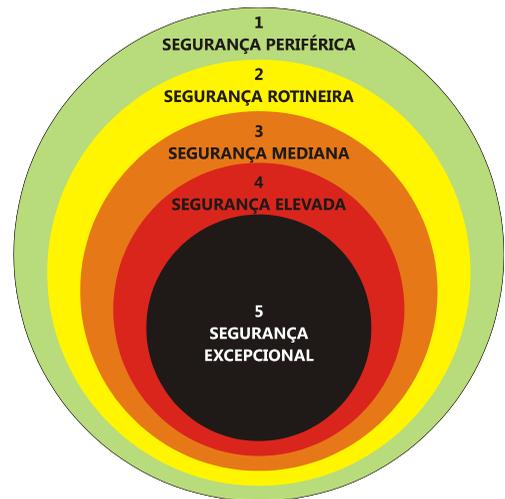


FIGURA 38: Teoria dos círculos concêntricos. Níveis de segurança de 1 a 5, do mais baixo para o mais alto. FONTE: Gráfico do autor, adaptado de MANDARINI, 2006, p92.

Diretrizes de projeto

Pensar nas pessoas e projetar para elas essa é a expectativa do usuário. Dialogar e equilibrar os interesses procurando fazer o melhor para todos os interessados: bancários, banqueiros, sociedade e governo.

- Fomentar uma cultura de sustentabilidade a partir da educação corporativa e comunitária. Divulgando e ampliando a estratégia dos "Rs". Reduzir, reciclar, reutilizar, repensar, reeducar...
- Promover a valorização do funcionário buscando uma nova relação de trabalho e a qualidade do ambiente de trabalho.
- Unificar o modelo de atendimento de todos os clientes, deve ser confortável, acolhedor e dinâmico.
- Criar um paisagismo com espécies regionais integrando-o com os espaços de trabalho e com a comunidade.
- Promover um planejamento estratégico da segurança tornando-a mais autônoma.
- Usar materiais locais colaborando para a economia regional. Assim como tecnologias construtivas reconhecidas utilizando/qualificando mão-de-obra da comunidade.
- Fazer uso do tijolo cerâmico como elemento construtivo e estético tirando partido de sua beleza e acabamento natural. Seguindo o exemplo de Eladio Dieste e Ton Alberts.



FIGURA 39: MNB Bank, jardins e fontes entre as torres. Arquiteto Ton Alberts FONTE: <http://www.albertsenvanhuut.nl>.



FIGURA 40: Igreja Atlântida, 1958 no Uruguai. Arquiteto Eladio Dieste FONTE: <http://www.flickr.com>

4.4 – Programa

A partir do entendimento da tipologia e da necessidade de ampliação do programa básico, em vista a uma nova atuação do banco, idealizou-se um programa que busca atender as áreas de negócios, administração, educação e convívio. Caracterizadas conforme seu nível de segurança.

Área de Atendimento		nível	Esp. p/ meditação/ encontros	30	
Salão de atendimento	500		Área aberta - Pergolado	30	
Salão de autoatendimento	120	3	Refeitório/ mesas	80	
Banheiros/ Fraudário	16		Estar/ jogos	20	
total	636		Cozinha comunitária	20	nível
Área de segurança			Copa/despensa	7	
Sala monitoramento	10		Churrasqueira/ forno a lenha	7	3
Sala de Abastecimento	6	nível	Redário	50	
Circulações/ eclusas	12		Cultivo de plantas e ervas	100	
Sala do Servidor	8	5	Jardins	100	
Eclusa - carro forte	40		total	610	
total	86		Área de Treinamento		
Área de gerências			Informações	5	
Gerência Geral	5		Hall/ circulação	30	nível
Gerência Pessoa Física	20	nível	Foyer	40	
Suporte Pessoa Física	50		Banheiros masc./fem.	12	3
Gerência Pessoa Jurídica	20	4	Biblioteca	45	
Suporte Pessoa Jurídica	40		Copa	3	
Sala de Reuniões	10		Sala de treinamento 1	60	
Banheiros masc./fem.	12		Sala de treinamento 2	60	
total	145		total	255	
Gerência Predial	16		Parque		
DML/Almoxarifado	10		Praça principal	300	
total	26		Praça p/ eventos	900	nível
Área de convívio			Anfiteatro	80	
Vestiário Masculino	40		Espaço para brinquedos	100	1
Vestiário Feminino	40	nível	Espaço para exercícios	100	
Espaço infantil	30		Banheiros Públicos	100	
Estar/ Berçário	20	3			nível
Banheiro/ Fraldário	6		Infra-estrutura	200	2
Área aberta	30		total	1780	

4.5 – Memorial Descritivo

O edifício foi idealizado para abrigar as atividades bancárias assim como atividades de educação corporativa e comunitária. A agência está instalada no centro de um terreno com área de 28.000m², há anos sem uso. A intenção é recuperar ambientalmente o sítio levando a agência para dentro de um pequeno parque urbano.



FIGURA 41: Implantação no terreno.

O estudo inicial apontava uma edificação em monobloco para atender as demandas de segurança. Deixando em separado somente um bloco de infra-estrutura predial, que conta com subestação, casa de bombas, monitoramento da água, manutenção e reciclagem de resíduos. A edificação principal ao centro é formada por uma parte circular e dois braços que partem do centro. Uma grande parede orgânica envolve os braços compondo uma segunda fachada e criando saliências e reentrâncias desejáveis a formação da área de convívio.



FIGURA 42: Edificação principal.



FIGURA 43: Bloco de infra-estrutura predial

O prédio principal foi instalado de tal forma que o pedestre ao entrar no parque vindo da Rua Eduardo Sá ou da Escola Ana Bezerra encontrasse inicialmente a sombra das árvores e a praça de eventos. Esse percurso permite a transição e o amortecimento mental para as atividades abrigadas na agência ou na praça.

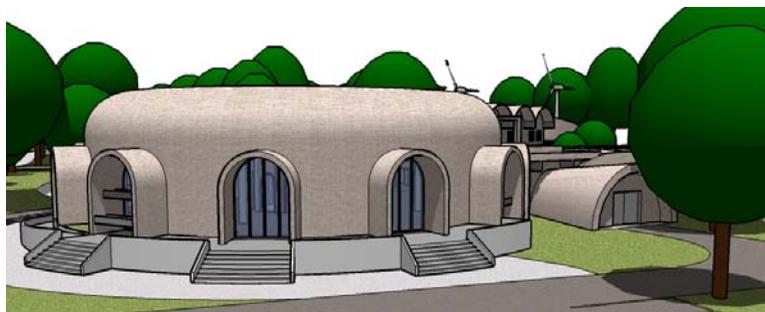


FIGURA 43: Vista da área de atendimento.



FIGURA 44: Vista da praça, rampa de acesso ao pav. superior ao fundo.

O acesso a área de atendimento (salão e auto-atendimento) se dá por conta de escadas e rampa. Uma rampa maior parte da praça e dá acesso a área de educação (biblioteca e salas de treinamento) localizada no piso superior. A área de educação também pode ser acessada pela área de atendimento. Ao chegar o cliente é recebido por um balcão de informações e direcionado ao nicho de atendimento específico, onde um funcionário o atenderia com uso de tecnologias wireless.

Os guichês de caixa foram substituídos por terminais inteligentes, capazes de receber o dinheiro, fazer diversos pagamentos e dar troco. Seriam monitorados por funcionário/caixa ou em regime de auto-serviço. O fato de não haver guichê dispensa o uso de portas giratórias. Contudo haveria sistemas de detecção de metais nos acessos da agência e na área de treinamento.

Um hall de banheiros e fraldário divide o acesso público do acesso de funcionários que se dá por cartão de autorização. As operações e o suporte negocial são realizados na área de gerência. Adjunto a essa área fica o núcleo de segurança, com monitoramento, eclusa, abastecimentos e a sala do servidor. Somente esse núcleo teria climatização mecânica no resto do prédio haveria somente a predisposição.

No outro braço encontra-se a gerência predial, os vestiários e a área de convívio. Conta com espaço infantil, espaço para meditação, refeitório e cozinha comunitária. Para concepção do espaço infantil considerou-se que as horas de trabalho não devem deixar as mães longe de seus filhos. Criou-se um espaço onde as trabalhadoras pudessem compartilhar entre si o cuidado e atenção com as crianças. A cozinha comunitária conta com fogão a lenha e churrasqueira, dando condições ao funcionário de fazer sua própria comida com frutos, legumes e ervas frescas.

Um espaço mais reservado foi projetado para o funcionário relaxar e meditar. É também um espaço para celebrações ecumênicas. Um lugar onde o usuário pode ao som dos pássaros e da água da fonte viver uma experiência laboral mais saudável.

Foi prevista a coleta da água pluvial, a ser direcionada para cisternas, que receberão também as águas servidas, após passarem pela estação de tratamento. Toda a água captada e tratada é destinada à rega das plantas e descarga de sanitários. O prédio funciona como espaço de laboratório para auxiliar as atividades de sustentabilidade. Atualmente o BB já desenvolve algumas atividades nesta área, principalmente através do CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil e da Fundação Banco do Brasil. No entanto propõe-se mais ações descentralizadas próximas a comunidade. Usando a praça de eventos para promover apresentações artísticas, feiras de artesanato, feiras solidárias, enfim, práticas que fomentem uma cultura de sustentabilidade.

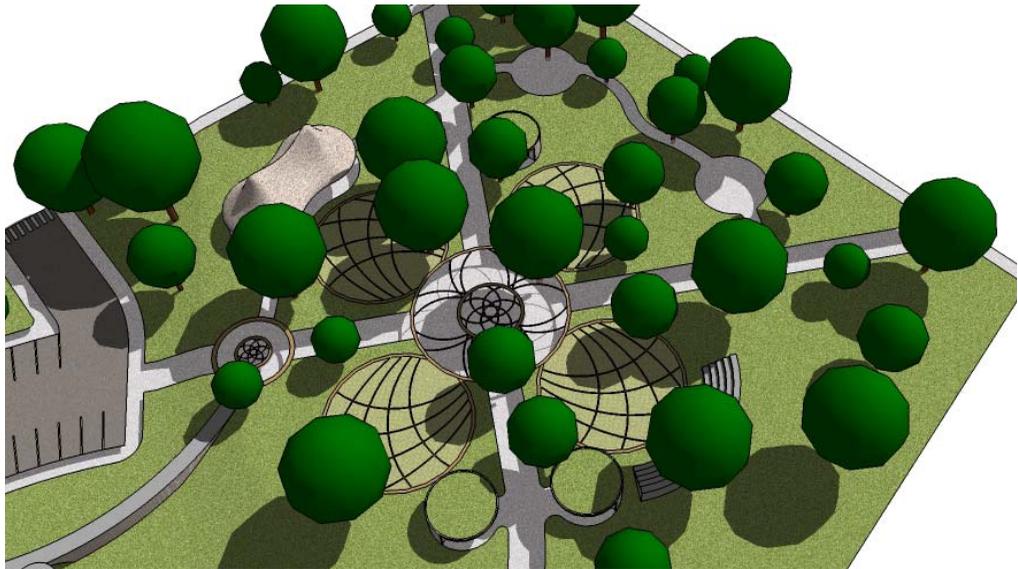


FIGURA 45: Praça de eventos, palco para práticas sustentáveis.

4.6 – Considerações finais e conclusão

O aprendizado sobre sustentabilidade revela que precisamos conhecer mais a vida em sentido amplo - ecológico, biológico, mental e espiritual. O entendimento da vida é o próprio entendimento da sustentabilidade. Antes de aprofundar-me no assunto, acreditava que edificações sustentáveis resumiam-se às soluções pautadas em eficiência energética. Contudo, o começo das discussões sobre eficiência energética está bem mais relacionado ao instável mercado do petróleo, que abalou a matriz energética europeia na década de 70, do que propriamente a uma redução no uso dos recursos naturais.

Outro conceito reavaliado é o desenvolvimento sustentável que se apóia no balanço de carbono e outras estratégias para manter o mesmo status quo. Ficou claro pra mim que ao se falar em ganhos dentro do conceito de edificações verdes sempre se relaciona a uma contabilidade financeira e as emissões de CO₂. O que foi investido a mais, facilmente se recupera nos anos seguintes. Os ganhos sociais ficam em segundo plano, são menos valorizados, e as mudanças sociais representam os ganhos necessariamente sustentáveis.

Precisamos desenvolver uma arquitetura livre de excessos e uma sociedade despolidada de idéias narcisistas. Os bancos são peças chave nesse contexto e uma atuação ética e responsável ajudará a transformar a sociedade. Os exemplos começam a aparecer, todos devem ficar atentos e identificar seu papel na mudança.

Sue Roaf acredita que estamos atrasados na mobilização, pois já deveríamos ter em cada país um Alto Comissário para Sustentabilidade, com poderes reais de ação. (ROAF, 2009, p.368). O estado pode trabalhar com leis que contribuam para uma melhor dinâmica e eficiência dos recursos. Um exemplo vem de São Paulo, onde as residências com mais de quatro banheiros devem contar com sistema de aquecimento solar de água. Contudo, num lugar onde prevalece a ganância e a corrupção, o interesse público

é deixado de lado e certas leis são criadas para atender a um bloco de empresas ou segmento industrial.

O conhecimento é que nos faz diferenciar o joio do trigo, a educação é a mola propulsora para a mudança de paradigma. Acredito que o desenvolvimento da tecnologia pode contribuir nessa mudança. Um bom exemplo é a WEB, uma fonte de informação e compartilhamento. Contudo, é comum vermos algo bom, criado para melhorar a vida humana, ser destinado para fazer o mal. Pessoas aproveitam-se da boa fé para obter vantagens próprias. Mas acredito que o homem é um ser onde as virtudes lhe cabem melhor que os pecados. Guardando-se as proporções, algo assim acontece com o marketing verde, em que oportunistas querem, por vezes, levar vantagem à custa do desconhecimento da população. Só o conhecimento e a troca de idéias podem por fim aos maus exemplos que se auto denominam sustentáveis.

A arquitetura representa um importante instrumento de promoção da sustentabilidade em seu sentido amplo, capaz de impulsionar mudanças comportamentais na relação entre ser humano e natureza, que deverão compor um ciclo de sinergia em constante evolução.

Bibliografia

BROWN, Lester R. Eco-Economia – Uma nova economia para a terra. Salvador: UMA, 2003.

DESIDERIO, Mônica. Automação bancária e atendimento a clientes: algumas reflexões, 2004.

ESTEVES, Marco Antônio Lopes. Ecovila Solidária Candeeiro. Trabalho Final de Graduação. Fortaleza: UFC/CAU, 2010.

MANDARINI, Marcos. Segurança corporativa Estratégica. São Paulo, Manole, 2006.

MULLER, Dominique Gauzin. Arquitetura Ecológica. Editora SENAC. São Paulo, 2001

HÖFLIGER, Raul. Evolução do design no Banco do Brasil. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) Brasília: UnB/FAU/PPPG, 2005.

LATOUCHE, Serge. Decrescimento ou barbárie! In: Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU On Line. Ano IX, Nº 295 de 01 de junho de 2009. São Leopoldo, RS: Unisinos/ Instituto Humanista Unisinos, 2009b. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1244119191.0988pdf.pdf>>. Acessado em 01/01/2011.

KEELER, Marian e BURKE, Bill. Fundamentos de Projeto de Edificações Sustentáveis. Editora Bookman, orto alegre, 2010.

PAPANEK, Victor. Architectura e Design - Ecologia e Ética. Lisboa. Edições 70, 1995

PEZZI, Carlos Hernández. Un vitruvio ecológico: Principios y práctica del proyecto arquitectónico sostenible - Editora Gustavo Gili. Barcelona, Espanha, 2007.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE EUSÉBIO, Gausismetgaia, Fortaleza, 2001.

ROAF, Sue. A adaptação de edificações e cidades às mudanças climáticas: um guia de sobrevivência para o século XXI. Porto Alegre: Bookman, 2009.

ROAF, Sue. Ecohouse - A Casa Ambientalmente Sustentável. Porto Alegre: Bookman, 2009.

SOUZA, Thomas Antônio Rodrigues de. Consumindo ou sendo consumido? Uma visão sobre as práticas de consumo e sustentabilidade no Recife. Dissertação de Mestrado - Gestão e Políticas Ambientais - PRODEMA. Recife: UFP/CFCH/PPDMA, 2010.

USTÁRROZ, Larissa. Trabalho Bancário, arquitetura dos espaços de trabalho e subjetividade. Dissertação de Mestrado em Administração. Porto Alegre: UFRS, 2008.

ZANETTINI, Siegbert. Siegbert Zanettini: arquitetura, razão, sensibilidade. São Paulo. Edusp : Imprensa Oficial do Estado, 2002.

WINES, James. Green Architecture. Taschen, 2007.

SITES:

LATOCHE, Serge. Por uma sociedade de decrescimento. <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/11/339811.shtml>. Acessado em 28/02/2011.

<http://institutohipocratesonline.com/index.php/medicinas-nao-convencionais/ecologia/230-serge-latouche-porta-voz-da-filosofia-do-decrescimento.html>, acessado em 10/11/2011.

<http://www.oeco.com.br/reportagens-especiais/25398-bike-rio-uma-nova-chance-para-as-bicicletas-de-aluguel>, acessado em 17/11/2011.